

**UNIVERSIDADE PAULISTA**

**CAROLINA PELLEGRINO**

**ACHO QUE ESTAMOS PRONTAS:**

a Pedagogia da Cooperação como instrumento de desenvolvimento pessoal e coletivo de  
voluntárias de uma ONG em uma favela carioca

Rio de Janeiro

2018

CAROLINA PELLEGRINO

**ACHO QUE ESTAMOS PRONTAS:**

a Pedagogia da Cooperação como instrumento de desenvolvimento pessoal e coletivo de voluntárias de uma ONG em uma favela carioca

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de especialista em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas apresentado à Universidade Paulista (Unip).

Orientador: Fábio Otuzi Brotto  
Co-orientadora: Alexandra Witte Cruz  
Machado

Rio de Janeiro

2018

Miranda, Carolina Pellegrino de.

Acho que estamos prontas : a Pedagogia da cooperação como instrumento de desenvolvimento pessoal e coletivo de voluntárias de uma ONG em uma favela carioca / Carolina Pellegrino de Miranda. – 2018.

79 f. : il. color., figuras, fotografias, gráficos, mapas, tabelas.

Trabalho de conclusão de curso (especialização) apresentado à pós-graduação *lato sensu* da Universidade Paulista, São Paulo, 2018.

Área de concentração: Pedagogia da cooperação.

Orientador: Prof. Fábio Otuzi Brotto.

Coorientador: Prof.<sup>a</sup> Alexandra Witte Cruz Machado.

1. Pedagogia da cooperação. 2. Voluntariado. 3. Construcionismo social. 4. Processo individual. 5. Processo coletivo. I. Brotto, Fábio Otuzi (orientador). II. Título.

CAROLINA PELLEGRINO

**ACHO QUE ESTAMOS PRONTAS:**

a Pedagogia da Cooperação como instrumento de desenvolvimento pessoal e coletivo de voluntárias de uma ONG em uma favela carioca

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de especialista em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas apresentado à Universidade Paulista (Unip).

Aprovado em:

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Orientador: Prof. Ms. Fábio Otuzi Brotto  
Projeto Cooperação

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Co-Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Alexandra Witte Cruz Machado  
Projeto Cooperação

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a meu grande amigo Fernando Malta, que partiu desse plano material no fim do ano passado e foi um dos mais fervorosos incentivadores para que eu fizesse esse curso de Pós-Graduação.

Esse trabalho é para você Fernando.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus e Meishu-Sama pela permissão que me deram de poder financiar esse curso e seguir até o final sem desistir. À minha família e, em especial ao meu companheiro Leo, que soube compreender as horas em que passava mais distante para conseguir me dedicar integralmente aos estudos e à finalização da pesquisa.

Agradeço à Gabriela Morena, Mariana Koury, Luciana Miranda e Hannah Needleman, pela amizade, parceria e momentos de troca durante a construção do TCC.

A meu mestre e orientador Professor Fábio Otuzi Brotto pela paciência de sempre e sensibilidade que teve com o nosso grupo. À minha co-orientadora Alexandra Witte Cruz Machado agradeço pela simpatia e por suas colocações sempre pertinentes, além de sua total atenção com a gente.

Gratidão ao ser humano lindo que é Conceição de Souza, nossa coordenadora do curso e mãe de todos da turma, pela sensibilidade e amorosidade com que levou todo o seu trabalho durante a turma 3. Sou muito grata e me sinto uma pessoa muito privilegiada por ter estado rodeada de pessoas tão incríveis ao longo desses meus 18 meses de curso.

Muito agradecida!

*“Ninguém muda ninguém e também ninguém muda sozinho.  
Ambos se modificam juntos, na relação.”  
(modificado de Paulo Freire).*

## RESUMO

O presente trabalho destaca a contribuição da Pedagogia da Cooperação no processo de desenvolvimento pessoal e coletivo do grupo de psicólogas voluntárias da Rede Postinho, uma ONG na favela Pavão-Pavãozinho/Cantagalo localizada na zona sul do Rio de Janeiro. A aplicação das sete práticas dessa abordagem aconteceu no segundo semestre de 2017 em cinco encontros realizados pelo grupo de cinco pesquisadoras e as psicólogas, totalizando 20 horas. Evidenciamos neste texto, além das descrições dos encontros que elucidam o processo, as transformações e aprendizados compartilhados por todas as envolvidas em decorrência destas vivências. Para uma conversa teórica com essa abordagem - e que também ancorou nossa prática - nos valemos dos pressupostos do Construcionismo Social, da Autopoiese, do Pensamento Sistêmico e da pesquisa-ação. As trocas e manifestações que aconteceram nos encontros foram registradas e também se tornaram dados para observarmos como as práticas contribuíram com este grupo. No entanto, de forma mais sistemática, os resultados foram obtidos a partir de três fontes: a) Gravação e transcrição das respostas às perguntas que foram dadas por duas integrantes, no primeiro encontro, por meio de uma breve entrevista individual; b) Tabulação do Questionário DIVER, que é um conjunto de Indicadores da Cooperatividade elaborados coletivamente em 2010; c) Perguntas elaboradas pelas pesquisadoras respondidas no último encontro.

**Palavras-Chave:** Pedagogia da Cooperação, voluntariado, Construcionismo Social, processos individual e coletivo.

## ABSTRACT

This text highlights the contribution of the Pedagogy of Cooperation in a process of personal and collective development of a group of therapists who volunteer their services for Rede Postinho, an NGO in the Cantagalo/Pavão-Pavãozinho favela in Rio de Janeiro's south zone. The application of the seven steps of this pedagogy occurred during the second half of 2017 over the course of five meetings between the five researchers and the group of therapists, totaling 20 hours of time together. In this text we present, beyond descriptions of the meetings that made up the process, the transformations and moments of learning shared by all those involved as a result of these experiences. Our practice was anchored theoretically in conversations about Social Constructionism, Autopoiesis, Systemic Thought and active research methodologies. The exchanges and moments that happened in the gatherings were recorded and became data points, allowing us to observe how the different practices resonated with this group and contributed to it. More concretely, the results were obtained from three sources: a) Recording and transcription of the responses to questions that were asked of two participants in the first meeting in a short individual interview; b) Tabulation of the DIVER Questionnaire, which is a group of indicators of cooperation created in 2010; c) Questions raised by the researchers during the last meeting.

**Keywords:** Pedagogy of Cooperation, volunteer, Social Constructionism, individual and group processes

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	12
2. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA .....	14
2.1 Tema.....	14
2.2 Questão de Pesquisa .....	14
2.3 Objetivo .....	155
2.4 Justificativa da Pesquisa .....	15
3. CONTEXTUALIZAÇÃO .....	155
3.1 Nossa trajetória .....	155
3.2 A ONG Rede Postinho .....	188
3.3 Contexto de favela e violência .....	21
4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....	23
4.1 A Pedagogia da Cooperação .....	23
4.1.1 Princípios .....	25
4.1.2 Processos.....	25
4.1.3 Procedimentos .....	27
4.1.4 Práticas.....	28
4.2 Dialogando com a relação dialógica Individual e Coletiva .....	29
4.3 Dialogando com o Construcionismo Social .....	31
5. METODOLOGIA DA PESQUISA .....	32
6. APLICAÇÃO DAS 7 PRÁTICAS .....	34
6.1 Com-Tato e Com-Trato .....	34
6.2 In-Quieta-Ações .....	41
6.3 Alianças e Parcerias e Soluções Como-Uns .....	46
6.4 Soluções Como-Uns e Projetos de Cooperação .....	51
6.5 Projetos de Cooperação e Celebrar o VenSer .....	54
7. RESULTADOS .....	62
8. CONCLUSÃO .....	67
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	68
REFERÊNCIAS .....	70

ANEXOS .....	72
ANEXO I – Modelo de Roteiro utilizado pelas facilitadoras .....	72
ANEXO II - Questionário “Nossa Trilha” (avaliação final entregue a cada participante).....	74
ANEXO III – Compilação do Questionário “Nossa Trilha” - Os resultados .....	76
ANEXO IV - Tabela de cores: Atividade das Miçangas.....	77

## 1. INTRODUÇÃO

Na introdução desse trabalho não podia deixar de falar sobre como foi o meu processo até a chegada no grupo de pesquisa, visto que o meu processo foi um pouco diferente em que precisei, mais uma vez, exercitar o meu desapego e me desnudar das “minhas verdades” em prol do coletivo. Mas no final deu tudo certo e tudo se encaixou perfeitamente como notas musicais.

Eu fazia parte de um outro grupo de pesquisa que estudaria, em linhas gerais, “Como a Pedagogia da Cooperação pode contribuir para a melhoria da comunicação na transformação de conflitos”. Quando unimos o meu grupo inicial, partíamos do pressuposto de que a base de todos os conflitos em nossa sociedade era, em algum momento, reflexo da falha de algum processo na comunicação. A falta de diálogo e de espaços de interlocução permanente seja no trabalho, nos espaços de convivência cotidiana ou em casa poderiam gerar conflitos tanto internos quanto externos (intra e interpessoais). Uma expectativa não atendida que pressupunha uma falta de comunicação e diálogo.

Então, a Pedagogia da Cooperação por trabalhar diretamente com o relacionamento humano, seria para nós uma excelente ferramenta para ajudar a melhorar a comunicação já que a falta dela, acreditávamos, poderia gerar conflitos com prejuízos internos e externos às pessoas e aos grupos. E ao definir esse tema da pesquisa focamos muito no conceito que gira em torno da Comunicação Não-Violenta(CNV) que entende a violência como decorrência de alguma necessidade não atendida (Rosemberg, 2003) e o associamos também à falha na comunicação.

Porém, como disse inicialmente, esse meu grupo que iria trabalhar com a Pedagogia da Cooperação e sua contribuição para a melhoria da comunicação na transformação de conflitos se desintegrou e ficando só em dois alunos tivemos que seguir para outros grupos já iniciados. A partir daí comecei a entender que estava vivenciando um processo de desapego e ao mesmo tempo tinha certeza de que, para onde eu fosse, conseguiria falar um pouco sobre comunicação e diálogo, coisas que prezo tanto e as quais já trabalho há alguns anos. Dessa forma, eu encontrei o meu atual grupo de trabalho, com o qual houve uma identificação imediata, pois, a ideia das participantes do grupo era de trabalhar com algum grupo que tivesse uma causa ou luta social e

como a Pedagogia da Cooperação poderia atuar nesse fortalecimento do trabalho. Percebi, naquele momento da minha inclusão no grupo, que eu estava indo para o lugar certo, já que tinha experiência com projetos sociais, contexto de favelas, etc., pela minha formação em Sociologia. E porque não utilizar um pouco do que acreditava no antigo grupo nesse também? A falta ou deficiência na comunicação certamente perpassaria pelos problemas do grupo que iríamos atuar, então, dessa forma não conseguia separar as questões de pesquisa, pois para mim está tudo interligado quando se fala de pessoas.

Dali em diante segui e direção a esse “novo” projeto de pesquisa e, por uma decisão do coletivo, a nossa questão de pesquisa ficou “Como a Pedagogia da Cooperação pode contribuir para o processo de desenvolvimento individual e/no coletivo de um grupo de psicólogas voluntárias em uma ONG de uma favela do Rio de Janeiro?”. E mais uma vez precisamos saber ouvir e entender que o propósito do grupo nem sempre é o nosso propósito, ou seja, mais uma questão para o grupo desapegar já que inicialmente estávamos mobilizadas a entender como a Pedagogia da Cooperação poderia ser uma ferramenta de facilitação de grupos unidos por uma causa social, atuando com um grupo de psicólogas voluntárias dentro de uma Ong na favela Pavão-Pavãozinho que oferece serviços de saúde, gratuito e humanizado para mulheres de baixa renda. Ou seja, era todo um contexto social e econômico mais delicado que poderia influenciar todo o trabalho das psicólogas e o apoio que nós ministrando as 20 horas de Pedagogia da Cooperação poderíamos dar, fora a população em vulnerabilidade social, etc.

Porém ao longo dos encontros com as psicólogas o que vinha como inquietação delas era algo mais subjetivo. Emergia no grupo um objetivo comum, um propósito que as cercava e que foi norteando nosso caminho enquanto facilitadoras desse processo individual e do grupo. Era de como manter sua individualidade dentro de um todo, ou como elas colocaram “como ser individual e coletivo ao mesmo tempo” de maneira saudável e respeitosa, do entendimento de que somos interdependentes uns dos outros apesar da individualidade. Isso nos levou em uma direção do profundo e do subjetivo que aquelas psicólogas estavam querendo entender, investigar. Mais uma vez me vi à serviço do grupo, indo com uma onda em direção aonde o vento e a onda levam.

Isso me fez mais uma vez perceber que a Pedagogia da Cooperação pode abrir espaços dentro da gente, pode mobilizar e permitir alcançar muitos caminhos, “muitos temas de pesquisa” e que no final, todos nós ao começarmos a praticar(seja recebendo ou ensinando) a pedagogia da cooperação dentro das vivências, iremos de alguma forma transformar nossa visão de mundo, aprender a compartilhar, e que somos seres interdependentes uns dos outros, partindo do olhar para dentro, com mais autoconhecimento e assim pode cuidar do “lado de fora”, que são todos os relacionamentos interpessoais.

Dessa forma, pretendia com a pesquisa ser uma facilitadora dessas pessoas para se conhecerem melhor e a partir daí, desse “ensinar-fazendo”, ajudando-as a transformarem seus conflitos (internos ou externos) ou fazer entendê-los de outra forma, como algo que as ajude a se perceber e a se reconstruir. Sendo assim, aplicamos as 07 Práticas da Pedagogia da Cooperação, trabalhando o contato do grupo, um contrato coletivo, levantamos as inquietações do grupo, fortalecemos as parcerias, alianças ao longo do caminho, praticamos com eles soluções comuns para suas inquietações, ajudamos na construção de projetos coletivos e por fim celebramos com elas todo esse processo como verão descrito a seguir.

## **2. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA**

### **2.1 Tema**

Pedagogia da Cooperação e o desenvolvimento individual e coletivo em um grupo que atua dentro de um contexto social

### **2.2 Questão de Pesquisa**

Como a Pedagogia da Cooperação pode contribuir para o processo de desenvolvimento individual e coletivo em um grupo de psicólogas voluntárias em uma ONG de uma favela do Rio de Janeiro?

## **2.3 Objetivo**

Aplicar as práticas da Pedagogia da Cooperação e avaliar como ela pode contribuir para o desenvolvimento individual e coletivo do grupo de psicólogas voluntárias na Rede Postinho que se localiza na comunidade Pavão-Pavãozinho/Cantagalo no Rio de Janeiro.

## **2.4 Justificativa da Pesquisa**

Em um primeiro momento, a questão que nos mobilizou e uniu enquanto grupo de pesquisa era entender como a Pedagogia da Cooperação poderia ser uma ferramenta de facilitação de grupos unidos por uma causa social.

Nesse sentido, atuando com um grupo de voluntárias que trabalham em prol da oferta de um serviço de saúde, gratuito e humanizado para mulheres de baixa renda, entendemos que essa pesquisa se faz necessária para que possamos avaliar, não só a influência do contexto social e econômico em que se dá o trabalho do grupo com o qual atuamos mas ainda, a importância de um trabalho de apoio com profissionais que atuam em áreas de risco e com uma população em uma situação de vulnerabilidade social.

## **3. CONTEXTUALIZAÇÃO**

### **3.1 Nossa trajetória**

Iniciamos nosso percurso pelo interesse que cada integrante do grupo tinha em relação aos temas sociais e Direitos Humanos. Neste sentido, a partir do trabalho realizado pela Mestre Maria da Conceição de Souza, a docente do módulo de “Metodologia da Pesquisa Transdisciplinar” no curso de Pós-Graduação em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas”, nos conectamos umas com as outras e percebemos esse desejo comum. O nosso desejo era de investigar como a Pedagogia da Cooperação poderia contribuir para a ampliação de um trabalho social local e como esta abordagem poderia potencializar uma luta social que já fosse realizada por alguma comunidade.

A partir daí, iniciamos a busca e conhecemos um grupo em Tubiacanga, bairro não oficial, localizado dentro da Ilha do Governador, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Ao encontrarmos com pessoas que viviam ou trabalhavam na comunidade nos deparamos com uma

realidade que se caracterizava pelo descaso público, revelado em remoções<sup>1</sup>, principalmente em nome da ampliação do Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim (Galeão), e por décadas de sucateamento de serviços básicos<sup>2</sup> como saneamento básico, tratamento de água, esgoto e lixo. Também encontramos pessoas persistentes que resistiam para se manterem na região e lutavam por melhores condições de vida. Elas se organizavam através de associações e grupos, principalmente a partir dos interesses em comum como a associação de moradores e a associação de pescadores, grupo que luta pela limpeza da Baía de Guanabara.

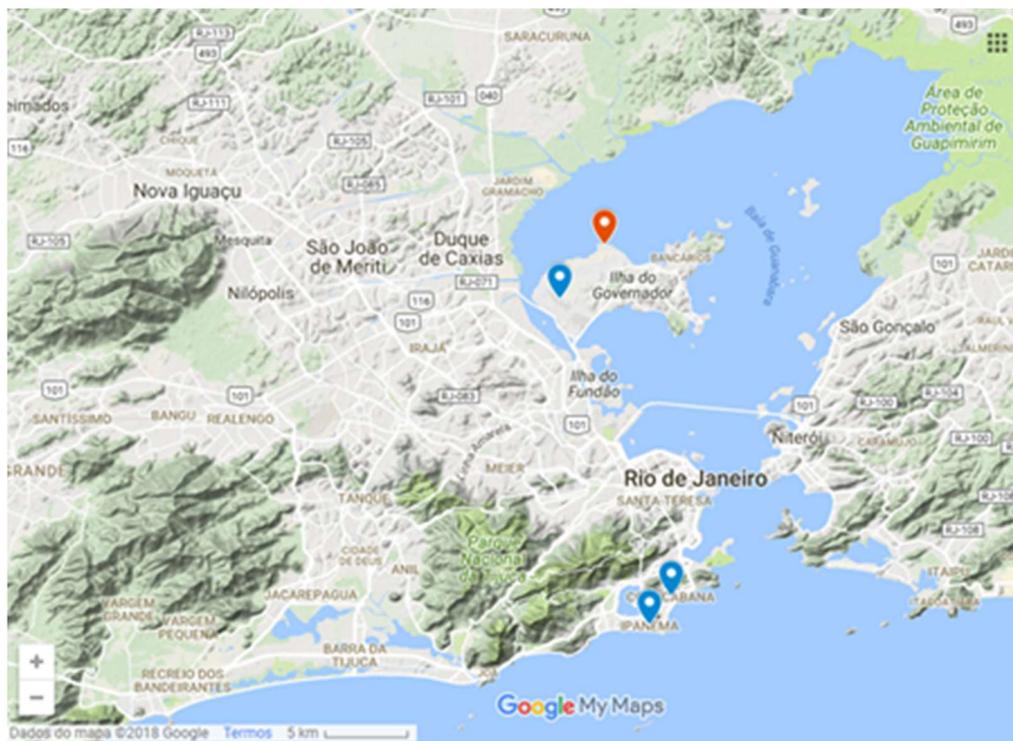
Contudo, nas aproximações que fizemos percebemos que nas últimas atividades realizadas pelos dirigentes dos grupos, havia pouco engajamento da população local que não tinha prática de encontros regulares. Para iniciarmos um trabalho deveríamos primeiramente convidar as pessoas para participar das reuniões. Desta forma, considerando o prazo estipulado para aplicação e entrega do trabalho, avaliamos que não haveria tempo para sua conclusão. Além disso, Tubiacanga se localiza numa região de difícil acesso e o deslocamento seria oneroso para nós. Percebemos que teríamos que deixar Tubiacanga para um próximo momento.

---

<sup>1</sup>Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=relevancia&allwords=tubiaca nga&anyword=&noword=&exactword=> Acesso em 18 Jan 2018.

<sup>2</sup> Fonte: <http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/reportagens/duas-deacutecadas-de-descaso-17849778#:https://www.brasil247.com/pt/247/favela247/152583/Morador-Ilha-do-Governador-faz-447-anos-sem-nada-a-comemorar.htm> Acesso em 18 Jan 2018.

Figura 1: Mapa da cidade do Rio de Janeiro. A marcação em vermelho indica a comunidade de Tubiacanga e as azuis indicam pontos de referência (na ordem de cima para baixo): Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim, Copacabana e Ipanema.



Fonte: Google Maps

Continuamos a busca por outro espaço e encontramos uma oportunidade no Departamento Geral de Ações Socioducativas (DEGASE), que é um órgão governamental do Estado do Rio de Janeiro, responsável, desde 1994, por executar as medidas judiciais aplicadas aos menores infratores em conflito com a lei. Pela descrição da nossa proposta, a direção sugeriu inicialmente que trabalhássemos com os operadores do sistema socioeducativo, contudo perceberam que estes não teriam disponibilidade de 20 horas para se dedicar aos encontros, como é solicitado na metodologia da aplicação do Trabalho de Conclusão de Curso desta pós-graduação. A sugestão foi, então, o trabalho com as apenadas, mas também impossibilitado pela necessidade de uma autorização judicial que poderia tardar até 60 dias para ser emitida. Desta forma, novamente prosseguimos na busca por um novo local.

Ao encontrarmos uma oportunidade de aplicarmos a Pedagogia da Cooperação na Rede Postinho, sobre a qual iremos falar mais no próximo sub-item, iniciamos nossas reuniões periódicas que objetivavam o planejamento e avaliação dos encontros e o alinhamento e conexão

do nosso grupo. Durante todo o processo contamos com a parceria preciosa do nosso orientador, Fábio Brotto e da nossa co-orientadora, Alexandra Witte. Percebemos que foi um diferencial dedicarmos tempo para essa parte importante do processo, principalmente porque se referia a uma focalização conjunta e essas conversas facilitaram a interdependência, conexão e harmonia entre nós cinco.

Dedicamos a reunião anterior ao início dos encontros na Rede Postinho à aplicação e experiencição das sete Práticas da Pedagogia da Cooperação em nosso grupo, que chamaremos, neste trabalho de “grupo de pesquisadoras” ou apenas “pesquisadoras”. Neste encontro foi possível experimentarmos o lugar da condução das vivências, o que é essencial para aperfeiçoarmos as atividades e, sobretudo, ampliar nossa congruência.

A experiência da circularidade dos papéis traria muitas oportunidades de aprendizado para nós enquanto grupo e, certamente, de forma individual. Chamamos de papéis as posições interdependentes que caracterizam esta forma de trabalho em que nos revezamos a cada encontro ou bloco de atividades: o lugar da condução/focalização da vivência, do apoio ativo (cuida do tempo, da energia do grupo, da providência dos materiais necessários), do registro escrito e do registro fotográfico. Como éramos cinco, algum destes quatro papéis eram assumidos por duas de nós.

### **3.2 A ONG Rede Postinho**

A Rede Postinho de Saúde é uma organização que desde 2010 atua na divisa das favelas do Pavão-Pavãozinho/Cantagalo, localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro. Sua fundadora, Julia Rangel, junto com o então presidente da associação de moradores identificou a necessidade de um espaço de atendimento ambulatorial e de medicina preventiva voltado às mulheres. É importante ressaltar que quando o projeto foi idealizado ainda não existia a Clínica da Família<sup>3</sup> no território, ou seja, de fato o acesso ao sistema de saúde pública era ainda mais complicado. Atualmente, mais de 30 profissionais de diversas áreas atuam na Rede Postinho e já somam mais de 10 mil atendimentos.

---

<sup>3</sup> As Clínicas da Família são um projeto criado na gestão do prefeito Eduardo Paes (2009 -2016) que tem como objetivo focar atenção primária à saúde e na medicina de família/comunitária. A Clínica da Família Pavão-Pavãozinho/Cantagalo foi inaugurada em dezembro de 2009.

Segundo informações disponíveis no site da ONG <sup>4</sup>, a Rede Postinho de Saúde busca ser “um modelo de formação de rede colaborativa, de profissionais multidisciplinares engajados na promoção de saúde”. Quando a mesma foi inaugurada, o nome dado em conjunto com os voluntários e moradores, foi ‘Postinho Aroldo Santos’ em homenagem a um sambista que morava no morro.

Figura 2: Núcleo inicial Postinho Aroldo Santos



Fonte: Site da Rede Postinho

Com o início dos atendimentos e muita demanda, em 2011 o Postinho se formalizou como instituição e o nome dado foi modificado para Rede Postinho de Saúde Preventiva da Mulher. Em entrevista para o programa Sem Censura<sup>5</sup>, Julia Rangel descreveu como se deu o processo de formação da ONG e também justifica a mudança de nome de Postinho para Rede Postinho dizendo que “a ideia de rede veio porque entendemos que só funcionamos em rede, todos nós somos uma rede, a comunidade deve funcionar como uma rede, e quem sabe um dia a gente multiplica esse trabalho para outras comunidades”.

Tendo em vista que o ser humano “é um ser integral e que doenças e problemas de saúde surgem devido a uma série de fatores biológicos, psíquicos e sociais”<sup>6</sup> a Rede Postinho trabalha

<sup>4</sup> "Rede Postinho." <http://redepostinhodesaude.org.br/>. Acesso 27 Jan. 2018.

<sup>5</sup> "Júlia Rangel, da ONG Rede Postinho de Saúde, no programa Sem Censura (TV Brasil) - YouTube." 14 Jun. 2017, <https://www.youtube.com/watch?v=JniwpuVWD04>. Acesso em 03 Dez. 2017.

<sup>6</sup> "Rede Postinho » O que fazemos." <http://redepostinhodesaude.org.br/o-que-fazemos/>. Acesso em 03 Dez. 2017.

com núcleos que são bases dos atendimentos e que por meio da visão interdisciplinar garantem um acompanhamento mais completo da paciente e resultados satisfatórios. Os núcleos existentes são: Mediação familiar, Administrativo, Fisioterapia, Terapias complementares, Psicologia, Medicina e Nutrição.

Figura 3: Sede Rede Postinho de Saúde na divisa dos morros do Pavão-Pavãozinho/ Cantagalo



Fonte: Site da Rede Postinho

Figura 4: Logo da Rede Postinho Saúde Preventiva da Mulher



Fonte: Site da Rede Postinho

### 3.3 Contexto de favela e violência

As favelas<sup>7</sup> do Pavão-Pavãozinho/Cantagalo se localizam nos bairros de Ipanema e Copacabana, na Zona Sul do Rio de Janeiro e têm um pouco mais de 10 mil habitantes, de acordo com dados do Instituto Pereira Passos<sup>8</sup>. A ocupação desse morro remete ao início do século XX e, como ocorre em outros territórios de favela e periféricos, há pouca presença do poder público e quase nenhuma infraestrutura urbana.

O geógrafo Jailson de Souza e Silva (ano), em um artigo publicado no site do Observatório de Favelas traz uma análise sobre o histórico de discriminação que marca as favelas e seus moradores:

No caso do Rio de Janeiro, a partir da representação maior da hierarquia social baseada no acesso a bens distintivos, um conjunto de elementos se fundiu para constituir as formas hegemônicas de representação das favelas e seus moradores: a sua associação com a pobreza econômica; a falta de formação escolar; a predominância do trabalho manual; o fenótipo dos moradores – em sua grande maioria pretos ou pardos; a precariedade das moradias; dos serviços e equipamentos urbanos; a origem nordestina, região considerada “problema” no país; a ocupação ilegal de terras; a falta de pagamento de taxas e impostos diversos etc.

Construíram - se, então, perfis específicos do morador das favelas e de seu território que passaram a ser generalizados no juízo comum; nas definições legais e formais e mesmo no plano acadêmico. No processo, as favelas e seus moradores passaram a ser percebidos de forma homogênea, apesar de sua rica diversidade (tipo de sítio; densidade populacional; acesso a serviços e equipamentos; perfil populacional; grau de organização comunitária etc) como espaços desprovidos de condições básicas de cidadania, na verdade, espaços de subcidadãos.<sup>9</sup>

Em 2008, o governo do Estado do Rio de Janeiro, sob a gestão do então governador Sérgio Cabral criou as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP): uma proposta de novo modelo de segurança pública para favelas baseado, na teoria, na ideia de uma polícia de proximidade, buscando assim alterar a lógica do confronto que predominava nas ações policiais nesses espaços. Contudo, conforme moradores, militantes de movimentos sociais, acadêmicos e outros especialistas já apontavam, seria fundamental investir em ações sociais, melhorias urbanísticas, equipamentos de cultura, lazer esporte e educação. Além disso, o que se esperava e ficou

---

<sup>7</sup> Optamos por utilizar o termo “favela” ao fazer referência ao território na medida em que entendemos que “comunidade” é uma palavra genérica e que não dá conta das especificidades desse espaço, com exceção ao se fazer referência aos moradores da favela.

<sup>8</sup> "Turano | Rio+Social." <http://www.riomaisocial.org/territorios/turano/?secao=noticias&pg=20>. Acesso em 4 Fev. 2018.

<sup>9</sup> "1 As Unidades Policiais Pacificadoras e os novos desafios" <http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Aspectos-humanos-das-favelas-cariocas.pdf>. Acesso em 4 Fev. 2018.

evidente ao longo das implementações das UPPs era que elas serviam apenas para um “cinturão” de favelas localizadas em áreas nobres da cidade e no entorno ou no caminho de instalações esportivas, visando a Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas (2016).

Nesse contexto, principalmente a partir de 2014, começaram a acontecer ocorrências de conflitos em algumas favelas “pacificadas” e esse problema perdura até hoje, em cada vez mais territórios como traz o artigo da Vozerio: "O que se verifica em pesquisas e acompanhamentos é que os grupos armados ilegais estão voltando às favelas pacificadas e fazendo pressão pelo controle do território"<sup>10</sup>, afirma a cientista social Silvia Ramos, coordenadora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), da Universidade Cândido Mendes.

Logo após o encerramento dos Jogos Olímpicos de 2016, o declínio das Unidades de Polícia Pacificadora ficou ainda mais evidente e intenso. As favelas que contam com uma UPP voltaram a ser alvos incursões policiais que normalmente, promovem trocas de tiro que além de gerar medo e angústia nos moradores, fecham escolas e hospitais e atingem e matam inocentes, incluindo crianças.

Esse contexto é fundamental para a leitura desse trabalho na medida em que nossos encontros foram impactos por situações de violência e o grupo com o qual trabalhamos é muito afetado por esse problema.

Figura 5: Pavão-Pavãozinho/Cantagalo junto aos prédios de Copacabana



Fonte: site do Jornal O Globo

<sup>10</sup> "Favelas do Rio amargam abril violento - Vozerio." <http://vozerio.org.br/Favelas-do-Rio-amargam-abril-violento>. Acesso em 4 Fev. 2018.

## 4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 4.1 A Pedagogia da Cooperação

As palavras possuem significados muito distintos, conforme o contexto teórico, histórico, profissional e etc. Posto isso, é fundamental entender e situar de que cooperação estamos falando neste presente trabalho. Não se pretende aqui discorrer sobre os distintos sentidos que o conceito de ‘Cooperação’, se é que podemos chamar de conceito, pode assumir. No entanto, existe a intenção de elucidar, neste primeiro momento, o tema da cooperação e da Pedagogia da Cooperação a partir de dois principais referenciais teóricos desenvolvidos por Fabio Brotto e Maria da Conceição Souza.

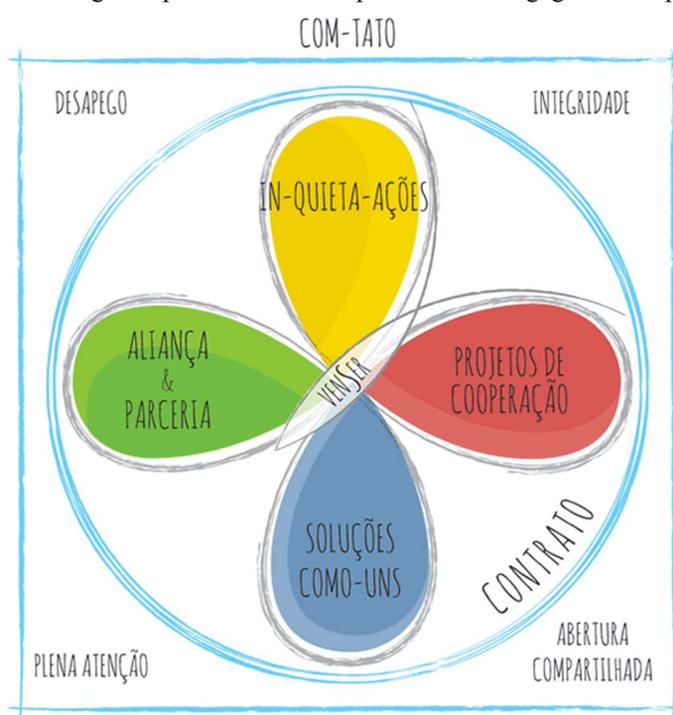
A produção de conhecimento e o diálogo sobre a Cooperação tem crescido ultimamente tendo em vista a necessidade de aprimoramento das relações humanas em todas as suas dimensões e nos mais distintos contextos. Opondo-se ao mito da competição como meio de assegurar a continuidade da vida humana na terra, autores como Eisler (2007) afirmam que até o momento do período neolítico, 600 a.c., as práticas sociais eram marcadas por um conjunto de valores muito distintos, baseados na cooperação, no compartilhamento e exercício de práticas artísticas e espirituais. Para interferir na lógica competitiva, a Pedagogia da Cooperação propõe, por meio de seus princípios, procedimentos, processos e práticas, um outro caminho possível às relações competitivas e a naturalização da competição, considerada algo intrínseco à natureza humana. Os jogos cooperativos correspondem a um dos processos metodológicos de maior destaque e importância para a Pedagogia da Cooperação, pois abre portas para encontros autênticos uma vez que contestam o modelo vigente de competição e colocam em fluxo os efeitos de um outro olhar quando rompe com a dicotomia ganhadores-perdedores (Souza, 2017).

De acordo com Brotto (2016, p.1) a Pedagogia da Cooperação é “um conjunto de conhecimentos e práticas orientado para a promoção da Cultura da Cooperação e desenvolvimento de *Comum-Unidades* Colaborativas em diferentes ambientes: empresas, escolas, governos, comunidades, Ongs, famílias e nas relações sociais”. Ela tem como propósito essencial “criar ambientes colaborativos onde cada pessoa, grupo, organização e comunidade possa *VenSer* plenamente quem é para poder *SerVir* mais completamente ao bem comum” (BROTTO, 2016, p. 1). Essa pedagogia é ao serviço da co-criação de uma nova sociedade. E o que é que ela tem para oferecer a essa nova sociedade? Ela pode ampliar nossa visão do mundo

através da junção de várias disciplinas e ela procura construir pontes entre elas. Ela trabalha para nos lembrar da nossa essência cooperativa, restaurando a dimensão do humano nas relações sociais e profissionais. E ela oferece um jeito prático e divertido de experimentar essas redescobertas.

No texto de Brotto (2016) intitulado “Pedagogia da Cooperação: Cultivando um mundo onde todos podem *VenSer* juntos,” a Pedagogia da Cooperação é apresentada como “uma pedagogia viva,” que vai se construindo em vários momentos e de formas diferentes. A abordagem é realizada a partir de quatro Momentos Transdisciplinares: Princípios, Processos, Procedimentos e Práticas. Nota-se também ao longo de todo texto que Brotto faz uma provocação utilizando o recurso da divisão de algumas palavras (identificadas em *itálico* neste texto) para chamar atenção e dar um ressignificado a elas.

Figura 6: Imagem representativa das 7 práticas da Pedagogia da Cooperação



Fonte: site do Projeto Cooperação

Esses quatro momentos se complementam abrangendo aspectos teóricos e práticos. Dessa forma, pode-se entender a Pedagogia da Cooperação como uma abordagem conceitual conectada a uma metodologia de ação.

### 4.1.1 Princípios

Segundo Brotto (2016), os chamados Princípios básicos da Pedagogia da Cooperação dão suporte teórico para atividades que promovem a integração e cooperação em diversos ambientes, sejam rurais, urbanos, etc. Esses princípios são:

1. O princípio da Co-existência é o da percepção clara do quanto estamos interligados e interdependentes uns dos outros. Segundo o autor, essa conscientização precisa vir antes de tudo, como tomada de consciência sobre a visão das relações humanas e o senso de comunidade que temos do dia-a-dia: “Somos tocados diretamente por tudo que ocorre na vida de todo mundo, em todo e qualquer lugar e tempo.” (BROTTO, 2016, p. 4)

2. O princípio da Com-vivência: nesse Princípio Brotto (2016) dá destaque para as relações de inclusão para facilitar a convivência, no sentido de possibilitar que pessoas de diversas ideias, valores, visões, comportamentos diferentes daquelas que se supõem melhores ou mais importantes do que outras. Dessa forma todos podem ser quem são verdadeiramente (*VenSer* quem se é). Isso porque todos fazem parte de uma Comum-idade e devem ser acolhidos da mesma maneira.

3. O princípio da Cooperação: esse princípio contraria o mito da competição como forma natural de garantir a sobrevivência e a evolução humana. Com o princípio da Cooperação o autor afirma que é necessário sustentar a importância do processo de integração da cooperação no cotidiano pessoal e comunitário. Como sempre esteve conscientemente ou não, ao longo das civilizações. Para Brotto (2016), tornar uma sociedade solidária ou competitiva é reflexo de uma ação política, que depende do individual e do coletivo e que variam e se movimentam de acordo com a motivação presente.

4. O princípio da Comum-idade: após a assimilação do princípio da Co-existência como algo natural de um ser vivo, o da Com-vivência como condição “sine qua non” das relações sociais, o da Cooperação como a prática do cotidiano, o último princípio é o da Comum-idade, que é o ambiente adequado para exercitar esse espírito coletivo.

### 4.1.2 Processos

Segundo o autor os Processos combinam a sabedoria (ancestralidade dos povos) com os recursos mais atuais e estão sendo sistematizados para trabalhar com as metodologias

colaborativas de uma maneira pedagógica. Alguns citados por ele e que de certa forma foram utilizadas por nós ao longo dos encontros, foram:

1. Jogos Cooperativos: Os Jogos Cooperativos são um destaque para Pedagogia da Cooperação. Resumidamente são jogos onde um grupo de pessoas, são instruídos a demonstrar comportamento cooperativo, utilizando um processo facilitador da convivência (viver-com-os-outros) e da cooperação (trabalhar-com-os-outros). Um dos percursores em pesquisa e aplicação dos jogos cooperativos em cenários complexos como grandes grupos e organizações foi o canadense Terry Orlick. Publicada em 1978, sua obra, é apontada como uma das principais referências nesse âmbito. Em seu livro “Vencendo a competição”, Orlick (1989) enfatiza que embora os Jogos Cooperativos tenham sido reconhecidos em várias culturas no decorrer dos anos, a cultura competitiva contemporânea ocidental enxerga cada vez menos a evolução de atividades em direção a agregar os jogadores a um propósito comum. Com relação a essa afirmação, Brotto (2013) comenta que o surgimento dos Jogos Cooperativos como resposta à preocupação com a excessiva valorização dada ao individualismo e à competição exacerbada presente na sociedade moderna, mais especificamente, na cultura ocidental. Dessa maneira, nesses jogos, é viável que todos ganhem sem que, necessariamente, haja um perdedor.

2. Comunicação Não-Violenta: trata-se de um processo que busca estabelecer relações de confiança e cooperação para que grupos e indivíduos se comuniquem de maneira inteligente, eficaz e empática, para facilitar o diálogo e a compreensão em todos os relacionamentos interpessoais.

Marshall Rosenberg vivenciou episódios de violência que marcaram sua vida e que o fizeram pensar em novas formas de comunicação que gerassem alternativas pacíficas de diálogo, com o objetivo de atenuar o clima de violência com o qual conviveu. Ele propõe uma substituição dos velhos padrões de julgamento e crítica para ouvir nossos próprios sentimentos e necessidades mais profundas, assim como os sentimentos e necessidades do outro, em prol de uma comunicação que nos leva a falar com o coração. Embora o autor se refira a Comunicação Não-Violenta como “processo de comunicação” ou linguagem, a CNV é mais do que isso.

Num nível mais profundo, ela é um lembrete permanente para mantermos nossa atenção concentrada lá onde é mais provável acharmos o que procuramos. Desenvolvi a CNV como uma maneira de brilhar a luz da consciência – de condicionar minha atenção a se concentrar em pontos que tenham o potencial de me dar o que procuro.” (ROSENBERG, 2006, p. 22 e 23).

3. Danças Circulares: atividade cooperativa em grupo que permite o reconhecimento do indivíduo como parte integrante do todo cujo círculo proporciona. É feita em roda e de mãos dadas, dançando ao som de músicas antigas e contemporâneas, resgatando uma ancestralidade da cultura dos povos mais antigos. Usualmente as danças circulares são muito utilizadas para promover o *Com-Tato* entre os participantes, para reforçar alianças e parcerias e também ao final das atividades para celebrar o encontro.

As danças circulares sagradas é um movimento que nasceu em 1976 com o coreógrafo Alemão/Polonês Bernhard Wosien quando visitou a comunidade de Findhorn, no norte da Escócia. Lá ele pode ensinar uma variedade de danças folclóricas para os moradores. Posto isso, a dança circular sagrada não é uma criação da atualidade, ao contrário, “é um resgate de uma prática muito antiga e profunda, vestida para os tempos atuais.”<sup>11</sup> Ao fazer esse resgate, Wosien procurava fortalecer um meio de trabalhar a expressão corporal que disseminasse uma condição de alegria, amor e conexão com o ser interior de cada indivíduo. Ademais, ele percebeu na dança de roda a chance de uma comunicação afetiva e amorosa que vai além das palavras (Jayme, 2017).

4. Dragon Dreaming: abordagem colaborativa que aposta na sabedoria coletiva e promove integração entre indivíduos e comunidade ao usar a teoria de sistemas vivos, ecologia profunda e sabedoria aborígine australiana no processo de tornar os sonhos das pessoas realidade através da construção de projetos e organizações sustentáveis.<sup>12</sup>

#### 4.1.3 Procedimentos

Trata-se de algumas ferramentas que servem como base para utilização dos Processos citados anteriormente em busca da cultura da cooperação. Elas sugerem a forma/jeito de fazer e são incluídas gradativamente, de acordo com a demanda de cada grupo. Eis alguns Procedimentos citados por Brotto (2016):

1. O círculo e o centro: é a ferramenta utilizada em todos os processos de facilitação. A roda representa que todos são iguais, em sinal *comum-unidade*, todos veem e são vistos nesse

---

<sup>11</sup> "Dança Circular | O que é." <http://www.dancacircular.com.br/oque.asp> e <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n80/v30n80a04.pdf>. Acesso em 8 Fev. 2018.

<sup>12</sup> "Guia prático Dragon Dreaming - Uma Introdução Sobre como Tornar seus Sonhos em Realidade Através do Amor em Ação". <https://infinitemarteacoes.files.wordpress.com/2016/04/guia-pre3a1tico-dragon-dreaming-v02.pdf>. Acesso em 8 Fev. 2018.

formato. O centro representa que há algo no meio de todos, ou entre todos, que dá sentido de comunhão. Como se fosse a chama do fogo que está acesa e precisa ser mantida assim. Ele pode ser representado por flores, sementes, ou algo que simbolize o grupo<sup>13</sup>.

2. A ensinagem cooperativa: vivência e prática: aqui só se aprende a jogar jogando. É como um incentivo à autorreflexão permanente durante as práticas com diálogo constante antes, durante e depois das vivências, troca de experiências e insights que são estimulados o tempo todo e por último o “se dar conta” das possibilidades de mudanças em situações reais.

3. Do mais simples para o mais complexo: é termos a percepção de que as evoluções acontecem de uma escala menor para a maior, primeiro de um indivíduo e depois para o coletivo. Para Brotto, é importante respeitar essas dimensões.

4. O “ser mestre-aprendiz”: é a consciência de que precisamos criar e manter ambientes de coeducação, onde somos mestres e aprendizes ao mesmo tempo, contribuindo para o desabrochar da consciência dos indivíduos, despertando o sentido de pertencimento dentro do grupo. Nessa perspectiva cada um pode ensinar e aprender.

5. O começar e terminar juntos: toda a prática deve, se possível, começar e terminar com todos dentro do círculo. Esse ritual fortalece o espírito de grupo e marca o simbolismo da igualdade, onde não há que está acima ou abaixo, todos podem ver e ser vistos por todos.

Esse conjunto de Procedimentos adotados acima serve como inspiração didático-pedagógica para o fomento da integração e cooperação, e pode ser atualizado/modificado de acordo com a necessidade.

#### **4.1.4 Práticas**

Nesse último e não menos importante momento transdisciplinar Brotto (2016) discorre sobre as 7 Práticas da Pedagogia da Cooperação que são indicadas para um grupo praticar a cooperação de maneira plena e integrada. Esse conjunto de práticas é bem dinâmico, ou seja, é utilizado de acordo com a necessidade do grupo e na ordem que o facilitador assim sentir necessidade. Ele engloba:

---

<sup>13</sup> Utilizamos o Procedimento do centro em todos nossos encontros, inclusive em alguns encontros entre o grupo de cinco pesquisadoras. No primeiro encontro com as psicólogas da Rede Postinho, trouxemos um pano e uma planta para o centro, e ao explicar o significado, convidamos o grupo a trazer objetos significativos pessoais para compor os centros durante os encontros seguintes. Nos quatro encontros seguintes, ambas as pesquisadoras e as psicólogas trouxeram objetos para o centro, e sempre procuramos dedicar um momento para conversar sobre o centro do dia.

1. Fazer *Com-Tato*: é para promover as conexões, estimular conversas, etc.
2. Estabelecer *Com-Trato*: serve para cuidar do bem-estar pessoal e do grupo, como se fosse uma lista de desejos para que todos se sintam acolhidos (são os acordos).
3. Compartilhar *In-Quieta-Ações*: é o compartilhamento de dúvidas e inquietações do grupo. “A minha dúvida pode ser a do outro.”
4. Fortalecer Alianças e Parcerias: é o exercitar de habilidades de convivência e cooperação para fortalecer a confiança de um grupo e estimular o relacionamento colaborativo.
5. Reunir Soluções *Como-Uns*: é a construção coletiva de respostas para atender às inquietações compartilhadas anteriormente pelo grupo. (são como “brainstormings”, ou chuva de ideias para explorar a potencialidade criativa de um indivíduo ou de um grupo).
6. Realizar Projetos de Cooperação: é o momento da realização de projetos coletivos para a implementação das Soluções *Como-Uns* cocriadas pelo grupo, algo que eles possam tocar por si sós, respeitando o mais simples para o mais complexo.
7. Celebrar o *VenSer*: é o momento de reconhecer a jornada, perceber o quanto mudamos nessa caminhada de transformações pessoais e coletivas e celebrar essa vitória...juntos!

#### **4.2 Dialogando com a relação dialógica Individual e Coletiva**

Ao longo dos encontros, e principalmente quando trabalhamos com as psicólogas da Rede Postinho e suas inquietações, como será mais detalhado na descrição da aplicação, emergiu no grupo um objetivo comum, um propósito que as cercava e que foi norteando nosso caminho enquanto pesquisadoras desse processo individual e do grupo. Era de como manter sua individualidade dentro de um todo, ou como elas colocaram “como ser individual e coletivo ao mesmo tempo de maneira saudável e respeitosa?”. A metáfora da couve-flor que uma delas trouxe representava exatamente isso, cada couve flor é composta por mini couves-flores e que somando as partes temos o todo.

Podemos associar com o pensamento complexo de Morin (1996) quando diz que o sujeito é autônomo e dependente ao mesmo tempo. Isso nos leva a tentativa de entender e compreender o ser humano em toda sua diversidade, em toda sua couve-flor. Assim os diversos modos de ação e reflexão de um grupo irão esbarrar sempre numa dicotomia indivíduo-sociedade, entre as partes e o todo. Dependendo do olhar do observador, o indivíduo ou o grupo podem se misturar. Ou seja, dentro dessa complexidade as noções sobre indivíduo e sociedade, indivíduo e grupo que

normalmente são vistas como antagônicas e concorrentes, serão dessa forma entendidas como complementares. É necessário um desenvolvimento maior do autoconhecimento, a fim de reconhecer aquela parte de nós enquanto sujeitos que queremos esconder e “de dançar com nossos dragões.”<sup>14</sup> Isso significa que mesmo tendo nossas limitações, vergonhas, fraquezas, precisamos valorizá-las e falarmos sobre isso. Reconhecer e honrar nossos dragões e unir aos nossos sonhos individuais para que as transformações de cada mini couve-flor reverbere no todo. Isso passa pela consciência, a priori, dessa *inter-relação* de um indivíduo com o outro.

Outro conceito que nos serviu como base estrutural para entendimento dos processos de interação do grupo ao longo desse processo e que corrobora com a ideia de Morin da relação simbiótica de “autonomia e dependência do indivíduo” é o da Autopoiese. Para Maturana e Varela (2001) os seres vivos são sistemas que se “refazem” continuamente no tempo pois são estruturas em eterna transformação. Esses sistemas são, portanto, autopoieticos, porque recompõem continuamente os seus componentes desgastados. Pode-se concluir, portanto, que um sistema autopoietico é ao mesmo tempo produtor e produto. Nesse sentido, enquanto seres vivos que somos vivemos o tempo todo em interação seja em termos moleculares como relacionais de um indivíduo com o outro e devemos tratar com muita importância esses fenômenos e a teia que estamos inseridos. Isso significa dizer que a minha ação impacta na do outro, pois somos interdependentes, não fazemos nada sozinhos. Porém isso não significa que mantemos uma relação de submissão, de poder uns com os outros, mas que devemos viver e interagir de forma harmoniosa e cooperativa com os outros. E essa inter-relação trata-se de continuamente estarmos nos modificando (“autopieticamente” falando) e nos adaptando aos sinais externos e também, se necessário, sendo um facilitador na mediação de conflitos.

Entendemos que uma chave que aponta para esse entendimento é uma convicção atribuída à Paulo Freire “Ninguém muda ninguém e também ninguém muda sozinho. Ambos se modificam juntos, na relação.”<sup>15</sup> Assim se legitima a existência do outro, no fenômeno social de interagir, de se relacionar, de falar dos seus conflitos ou de suas cicatrizes, como fizemos em um dos

---

<sup>14</sup> "O Dragon Dreaming fala de como sentirmo-nos seguros" [http://www.dragondreaming.org/wp-content/uploads/DragonDreaming\\_eBook\\_portuguese\\_V02.09.pdf](http://www.dragondreaming.org/wp-content/uploads/DragonDreaming_eBook_portuguese_V02.09.pdf). Acesso em 4 Fev. 2018.

<sup>15</sup> Citação do professor José Romão Trigo de Aguiar durante o módulo “Princípio da Cooperação” da Pós-Graduação em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas realizada nos dias 19 a 21 de maio de 2017.

encontros da prática da Pedagogia da Cooperação. Foi esse falar dos conflitos que nos aproximou do grupo e as uniu ainda mais.

### **4.3 Dialogando com o Construcionismo Social**

Ao nos aprofundarmos no contato e apropriação da Pedagogia da Cooperação - e das metodologias colaborativas que aprendemos - percebemos que estas se amparam na proposta do Construcionismo Social. Este arcabouço tem suas origens num debate antigo entre empiristas e racionalistas e atualmente se posiciona como uma concepção não empirista do funcionamento da ciência e suas formas de investigação, ganhando discursos mais definidos nas últimas décadas. Como esclarece Rasera e Japur (2001, p. 205):

Através de diversas transformações - produzidas pelas críticas ideológicas da Escola de Frankfurt, e do movimento feminista, da crítica retórica-literária pós-estruturalista e das contribuições da sociologia do conhecimento -, a racionalidade e objetividade da ciência e sua visão do conhecimento enquanto um processo individual ganham novos contornos.

Por sua amplitude focaremos num autor contemporâneo, Kenneth Gergen (1985), que tem contribuído significativamente para a construção deste pensamento. Para ele, o construcionismo é uma forma de investigação social que “(...) preocupa-se principalmente em explicar os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam ou dão conta do mundo (incluindo elas mesmas) no qual elas vivem.”

Gergen (1997) situa, na centralidade da perspectiva construcionista, pontos que impactam o fazer científico. Rasera e Japur (2001, p. 205) observam que essas implicações são:

A primeira delas é a modificação da concepção de conhecimento como representação. Ou seja, o conhecimento deixa de ser visto como originado na mente individual, e passa a ser entendido como produzido na relação entre as pessoas.

A segunda implicação é que esta concepção de conhecimento traz uma crítica às ciências empiricista e idealista, marcadas por uma dualidade sujeito-objeto e seu conflito interminável. Apoiado nas críticas da sociologia do conhecimento e do pensamento feminista sobre o fazer científico, o construcionismo aponta para a superação da dicotomia sujeito-objeto.

Como terceira implicação, entendemos que ele produz um questionamento sobre a natureza do real, impondo uma nova reflexão sobre o que vem a ser a verdade e a objetividade. Estas são repensadas a partir de critérios éticos, de coerência, inteligibilidade, rigor e conseqüências trazidas pelo conhecimento gerado. Estes

pressupostos reforçam, portanto, uma visão de ciência enquanto produção sócio histórica, questionando uma retórica da verdade objetivista, universalizante e aistórica.

Desta forma, a perspectiva construcionista se configura como uma teoria prática, que coloca seu sentido na ação e ética na relação entre as pessoas e seus contextos. Não para uma busca da verdade, nem da ética mais adequada, mas objetiva descobrir as formas que viabilizam que as pessoas possam continuar juntas, como preconiza o princípio da Co-Existência.

A focalização amparada por esta perspectiva direciona sua prática a partir de um lugar de não-saber, que é uma postura de curiosidade em relação ao grupo e o que surgirá dele, permitindo relações não-hierárquicas que valorizam as conversas, a criação conjunta de possibilidades e caminhos. Além disso, se coloca num processo ativo que sustenta a presença com qualidade e permite afetar e ser afetada pelo grupo, assumindo que é, junto com ele, um sistema complexo, intersubjetivo e instável.

## **5. METODOLOGIA DA PESQUISA**

A espinha dorsal metodológica deste trabalho é a aplicação das sete Práticas da Pedagogia da Cooperação. Essa possui procedimentos, processos e princípios que conversam com outras teorias, abordagens e metodologias. Em paralelo foram utilizados instrumentos, tais como, entrevistas e observação participante para a coletas de dados.

Além disso, promovemos a troca de conhecimentos e experiências entre as pesquisadoras e o grupo de psicólogas, valorizando a produção conjunta de sentidos e co-construindo narrativas. Desta forma, a metodologia de pesquisa adotada por este trabalho, caracterizou-se pela pesquisa-ação (Brandão e Borges, 2007), que assume que as conversas e os instrumentos avaliativos já se revelam como uma intervenção no sistema, modificando o contexto estudado e, por ele também modificado.

Os múltiplos discursos da investigação humana diferem em suas pressuposições acerca daquilo que existe (ontologia), daquilo que pode ser conhecido sobre o que existe (epistemologia) e acerca de como tal conhecimento pode ser produzido (metodologia), de acordo com Sheila McNamee (2017).

Como pesquisadoras aplicamos em nosso próprio grupo as sete práticas da Pedagogia da Cooperação, fortalecendo ainda mais, entre nós, a confiança e ampliando os canais de troca e

conexão que se fizeram presentes até o encerramento da pesquisa, que compreendeu de forma abrangente as reuniões, encontros, estudos e escrita.

Foram realizadas reuniões de planejamento e de avaliação dos cinco encontros (Fig. 7), que aconteceram com intervalos de duas semanas entre um e outro, tendo a duração de quatro horas cada, preparados à medida que o processo era vivenciado pelas psicólogas, sempre considerando o encontro anterior.

As participantes eram todas adultas com idades entre vinte e dois e trinta anos, todas mulheres, com graduação completa. A psicóloga que trabalha há mais tempo na Rede Postinho está desde 2013, ano em que a sede foi reformada e também quando criaram os diferentes núcleos de atendimentos que se complementam entre si. A maioria das psicólogas do núcleo de Psicologia está no início da profissão e não tem muitas outras experiências profissionais em contexto de favela. As três psicólogas mais novas no núcleo entraram em junho deste mesmo ano.

Figura 7: Tabela com detalhamento de data, Práticas da Pedagogia da Cooperação feitas e número de psicólogas presentes em cada encontro.

	<b>1º Encontro</b>	<b>2º Encontro</b>	<b>3º Encontro</b>	<b>4º Encontro</b>	<b>5º Encontro</b>
<b>Data</b>	25/09/17	09/10/2017	23/10/2017	06/11/2017	11/11/2017
<b>Objetivo Principal / Práticas Vivenciadas</b>	<i>Com-Tato e Com-Trato*</i>	<i>In-quietações*</i>	Alianças e Parcerias e Soluções <i>Como-Uns*</i>	Soluções <i>Como-Uns</i> e Projetos de Cooperação*	Projetos de Cooperação e Celebrar o <i>VenSer*</i>
<b>Número de Psicólogas Presentes</b>	6	5	8	6	7
*Em todos os encontros abrimos com um momento de <i>Com-Tato</i> e finalizamos com um momento de Celebração do <i>VenSer</i> .					

Fonte: elaborado pelas pesquisadoras

Para a coleta de dados, realizamos entrevistas no início do processo e durante os encontros, e aplicamos o questionário “Nossa trilha”, que somam dados referentes aos Indicadores Diver (Brotto, 2016) e outras perguntas complementares (anexo II).

## 6. APLICAÇÃO DAS 7 PRÁTICAS

### 6.1 *Com-Tato e Com-Trato*

Para o nosso primeiro encontro, combinamos encontrar com o grupo de psicólogas em uma lanchonete na subida da favela. Enquanto esperávamos todas chegarem, escutamos tiros e decidimos, em conjunto, não subir para a Rede Postinho por uma questão de segurança. Uma das pesquisadoras, que mora muito próximo ao morro, ofereceu a casa para o primeiro encontro e, então, rapidamente nos dividimos entre esperar as pessoas que ainda faltavam e ir para a casa da anfitriã para preparar o espaço.

Ao chegar à casa da anfitriã o grupo das psicólogas agradeceu pela acolhida e aos poucos foram se ambientando. Em seguida, sentamos em roda e introduzimos o momento com um “bom dia” e um breve relato apresentando um pouquinho a equipe de pesquisadoras. Para iniciar a jornada utilizamos a metáfora da trilha como fio condutor do processo de aplicação que ia incluir não só o primeiro encontro, bem como os demais quatro encontros posteriores, com um tempo determinado de quatro horas para cada.

A ideia de trazer a metáfora da trilha surgiu de uma vontade de começar nosso processo com um tom de companheirismo e a sensação de embarcar numa aventura compartilhada. Explicamos que, assim como numa trilha, o grupo ia caminhar - todo o mundo junto - para chegar em algum lugar, e que para isso, durante a jornada o grupo ia precisar ter em sua mochila certas ferramentas para garantir o bem-estar de todos durante o percurso. Para além das ferramentas, a mochila que carrega essas ferramentas também representa aquilo que cada uma traz consigo para o processo - nossa própria “bagagem.”

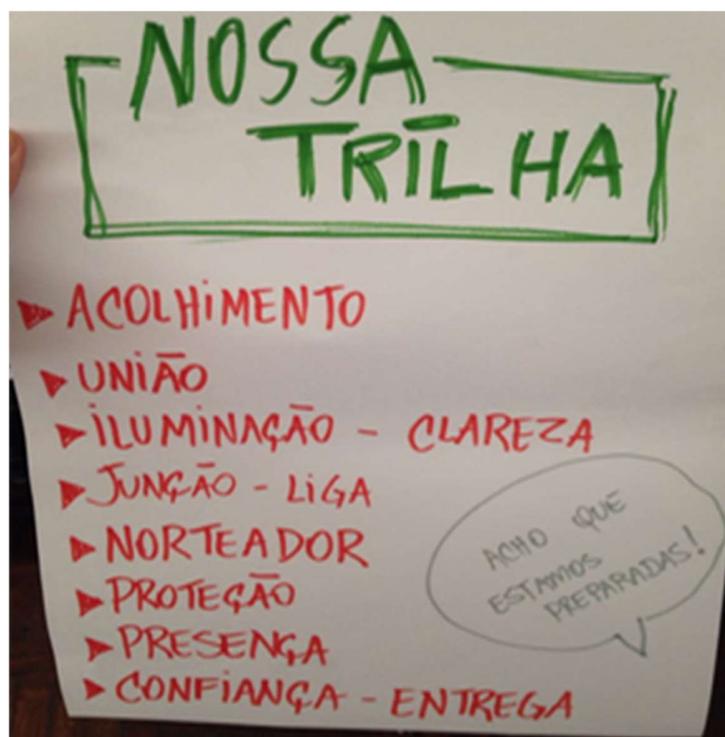
Como meio de ilustrar a intenção com a metáfora, na medida em que uma pesquisadora contava essa breve historinha, tirava de dentro de uma mochila um utensílio diferente (lanterna, repelente, toalha, boné e tênis) e essencial para a caminhada. Já com os objetos expostos no chão, a condutora do processo pediu para que o grupo refletisse sobre as seguintes questões: o que precisamos para fazer essa trilha? Quais são as coisas físicas que precisamos? Quais são as virtudes (citar) que vão ajudar a gente chegar onde precisa chegar? Como podemos cuidar uma das outras durante a jornada?

Os objetos serviram de inspiração para o grupo verbalizar quais são as quatro pequenas virtudes (Fig. 6) essenciais para vivenciar o processo que a Pedagogia da Cooperação oferece.

Algumas fizeram associações com os itens essenciais para a trilha e outras não. Esse movimento de associação com os objetos surgiu de forma natural por parte delas. Elas colocaram que a toalha poderia representar acolhimento e a mochila junção ou liga. A lanterna poderia representar uma visão mais clara ou iluminação e o repelente poderia representar proteção. Elas determinaram que outros “itens” essenciais para a trilha seriam direcionamento, algo norteador, presença, confiança e entrega (Fig. 8).

Uma das psicólogas, vendo as palavras no cartaz e os objetos retirados da mochila, exclamou: “Acho que estamos prontas!”, referindo-se que, se tivéssemos aquelas condições nomeadas e cuidadas, teríamos mais chances de percorrer a trilha juntas. Adotamos, inclusive, esta frase no título do nosso trabalho por honrar o importante significado para todo o grupo e as claras referências às importantes condições para caminhar junto.

Figura 8: Necessidades, definidas pelo grupo, para percorrer a trilha.



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

Para o *Com-Tato*, o grupo se organizou em círculo e falou cada uma um adjetivo que começa com a primeira letra do nome. Além do adjetivo elas também fizeram um movimento junto. Essa atividade proporcionou muitas risadas. O corpo fala (Weill e Tompakow, 1986) e,

através dele, a partir do gesto que cada uma fez foi possível sentir aquelas que estavam mais à vontade ou menos. Todas entraram na brincadeira. O objetivo dessa atividade foi aprender os nomes de cada uma de forma lúdica, além de movimentar o corpo.

Na sequência, sentamos em círculo e a orientação da atividade foi para contarem sobre a história do grupo e da Rede Postinho, a partir da própria experiência, com o adendo da não necessidade de ser em ordem cronológica. Usamos o bastão da fala nesse momento e uma pesquisadora começou explanando sobre um fato histórico sobre a favela em que a ONG se situa e, quando terminou, jogou o bastão para uma das psicólogas e fez a seguinte pergunta: “E, aí?”. A intenção dessa atividade foi de valorizar a experiência e a relação de cada uma com a Rede Postinho - de iniciar o primeiro encontro conhecendo a Rede Postinho através das pessoas que trabalham no lugar e dedicam tanto tempo a ele. Em vez de fazer muita pesquisa independente sobre a Rede Postinho, abrimos esse momento de construção de memória coletiva. Essas são algumas das falas que surgiram ao longo da dinâmica:

“A Postinho se mantém com amor.”

“Somos uma família.”

“Lugar diferente.”

“Encantador.”

A maioria das falas se constituíram carregadas de amor. Colocações surgiram sobre a experiência em outros trabalhos que foram comparados com a vivência na Rede Postinho. Mais de uma participante citou a intervisão<sup>16</sup>, que é uma forma de partilha de casos clínicos, como sendo um diferencial da Postinho e o que conquista. Além disso, as falas também enalteceram a entrega emocional, física e financeira que são necessárias para que a Postinho se sustente. Uma das participantes fez um apanhado histórico sobre a Rede Postinho. Outra participante agradeceu o momento de encontro e a fala de uma das psicólogas em particular, dizendo que essa outra psicóloga entrou para a equipe em um momento sensível e que ela nunca tinha escutado a colega falar sobre sua relação com a Rede Postinho. Foi especial poder escutar a sua perspectiva.

---

<sup>16</sup> A “intervisão” é um espaço confidencial onde terapeutas partilham experiências e visões a respeito do processo clínico de seus atendimentos. Essa abordagem se diferencia da supervisão por ter como prática a responsabilidade de todas as pessoas do grupo nas tarefas de questionamento, análise, avaliação e sugestão de encaminhamentos, independente da teoria que ampara suas práticas.

A atividade seguinte foi construída a partir da apresentação do vídeo “Caminhando com Tim Tim”<sup>17</sup>, que é um registro audiovisual da mãe do Valentim, a partir da visão da criança, enquanto a mesma faz o seu habitual trajeto de casa até a casa da avó. Tim Tim, como é chamado pela mãe, nos faz lembrar que o chegar não é o mais importante, o caminhar e os encontros são muito preciosos e necessários. O objetivo ao passar o vídeo foi de sensibilizar o olhar do grupo para os caminhos que cada uma escolhe fazer e como escolhe fazer. Para materializar as representações desse caminhar, colocamos materiais no centro da roda (canetinhas, revistas, fitas coloridas, tesoura, cola, barbante e folhas coloridas) e pedimos para que o grupo expressasse através da arte como é o caminho de casa até a Rede Postinho. A pergunta geradora foi: Qual a sua relação com os caminhos que você faz? Quais são os cheiros, os encontros e por quais lugares vocês gostam ou não de passar? Demos alguns minutos para elas irem representando os caminhos delas, e depois partimos para uma partilha em que cada uma compartilhou seu desenho. Algumas foram mais detalhistas, outras menos, mas foi unânime a escadaria para a subida do morro como ponto fundamental e marcante na chegada até a Rede Postinho. Muitas atribuíram o começo do dia ao “portal” onde os “bons dias” se iniciam. Ao final da atividade colamos as obras de arte na parede para que elas pudessem olhar e revisitar quando quisessem.

Em seguida, orientamos o grupo sobre a vivência da Travessia. Esse Jogo Cooperativo é indicado para um estágio mais avançado de um trabalho em grupo, pois amplia o potencial de cooperação devido ao seu grau de complexidade quando o participante percebe que sozinho não se consegue atingir o objetivo final de chegarem ao outro lado, no “porto-seguro”. Contudo, como elas já formavam um grupo que se conhece e realiza atividades juntas, entendemos que essa ferramenta caberia bem, mesmo em um primeiro encontro. Foi utilizada uma adaptação da atividade “Navegar é (Im)Possível... Para Todos (Travessia)”<sup>18</sup> (Brotto, 2001) com modificações quanto às orientações e aos materiais utilizados. As cadeiras que servem como base para o “barco” foram substituídas por jornais e as condições para a navegação foram: nenhuma parte do corpo pode tocar a água (o piso), o barco (jornais) não pode ser arrastado, e acrescentamos que

---

<sup>17</sup> "Caminhando com tim tim - YouTube." 17 Dec. 2014, <https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI>. Acesso em 8 Fev. 2018.

<sup>18</sup> "Navegar é (Im)Possível... Para Todos (Travessia)" <http://www.projetocooperacao.com.br/acervo/atividades-cooperativas/navegar-impossivel-para-todos/>. Acesso em 8 Fev. 2018.

deveria haver conexão entre as pessoas (barco) o tempo todo. Dito isso, imediatamente, elas deram as mãos.

Figura 9: Jogo Cooperativo para o *Com-Tato*: a travessia.



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

O jogo foi marcado por diversão. Também havia uma preocupação em chegar rápido do outro lado, mesmo que nenhuma orientação neste sentido tivesse sido dada. Algumas falas e comportamentos indicaram que houve certa competição para chegar primeiro ou fazer melhor.

A pesquisadora apresentou ao grupo o bastão da fala e as convidou para uma partilha sobre a vivência a partir das seguintes perguntas:

1. “Quem eu estou?”<sup>19</sup>
2. O que eu precisei fazer ou deixar de fazer para que alcançássemos esse objetivo?
3. O que eu aprendi?

As respostas foram diversas, cada uma expressando o que estava pulsando dentro dela naquele momento pós-jogo:

Quem eu estou?

---

<sup>19</sup> Expressão que nos foi apresentada na Pós Graduação pelo facilitador do Módulo “Oasis e The Call”, Edgard Gouveia Jr na (pós-graduado em Jogos Cooperativos, co-fundador do Instituto Elos, Empreendedor Social, Palestrante e Conferencista Internacional, nas áreas de Desenvolvimento Comunitário, Protagonismo Juvenil e Tecnologias Sociais.) A proposta na atividade era de cada uma perguntar pra si mesma, fazendo uma autorreflexão, naquele momento de chegada, de “Quem eu estou?”. Mais até do que “como estou”, ou “o que eu faço”, ou “quem eu sou”. A pergunta “Quem eu Estou?” traz uma noção de algo transitório, passageiro, mas que estava presente verdadeiramente ali naquele momento, quem vinha do coração delas. Nossa proposta com essa pergunta era provocar a reflexão de porquê chegamos naquele “estou”.

“Estou agitada. Preciso da confiança que eu mesma falei” (referindo-se ao momento de construção coletiva sobre “o que precisamos para fazer a Nossa Trilha”). “Agora estou mais entregue.”

“Estou com o coração saindo pela boca. Ansiosa”

“Sinto energia! Estou animada!”

“Ansiosa”

“Estou agitada”

O que eu precisei fazer ou deixar de fazer para que alcançássemos esse objetivo?

“Eu precisei de apoio”

“Precisei me deixar ser cuidada”

“Precisei tomar a frente.”

O que eu aprendi?

“O planejamento não é o mais importante.”

“Olhar para o cuidado é um desafio pra mim.”

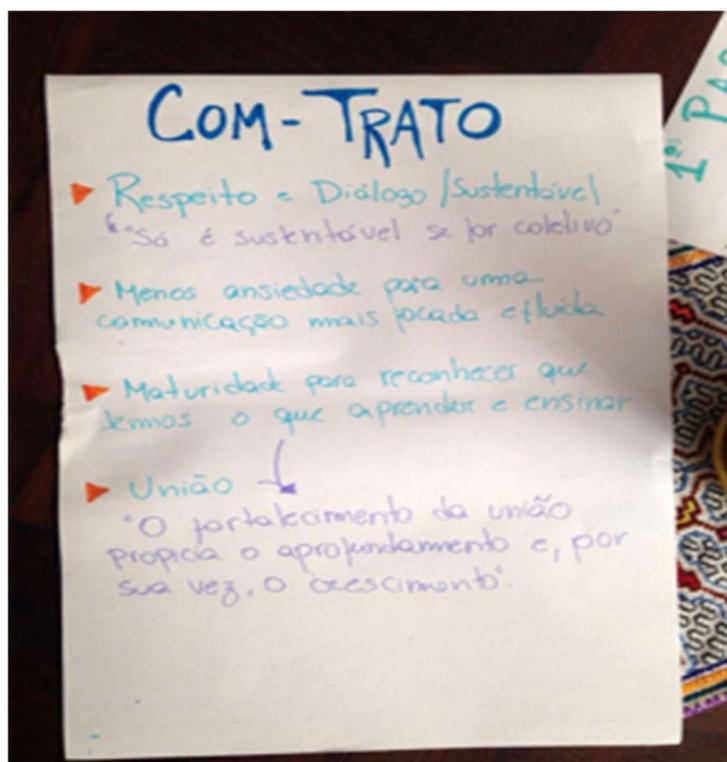
“A gente compete o tempo todo!”

“Me abrir para o novo.”

“Ouvir o outro. Equilibrar minha necessidade com a tranquilidade do outro.”

Após a partilha da Travessia, passamos para a aplicação da segunda prática da Pedagogia da Cooperação : o *Com-Trato*. Todas foram convidadas a sentar num círculo no chão para refletir sobre uma resposta para a seguinte provocação: qual é o meu pedido individual que tenho para estar bem nessa trilha que faremos juntas? Foram convidadas a fechar os olhos e refletir, praticando esse reconhecimento das próprias necessidades e transformando isso num pedido para o grupo. Após isso, foram convidadas a formar duplas para compartilhar o pedido uma com a outra, buscando um ponto em comum para chegar em apenas um pedido. As duplas voltaram para a roda e compartilharam os pedidos, que foram colocados no papel do *Com-Trato* (Fig. 10).

Figura 10: O Com-Trato do grupo.



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

Em seguida, voltaram para as duplas de novo para formular um primeiro passo elegante - uma oferta que poderia ser realizada para o grupo que atendesse o pedido da própria dupla. Pensamos que o exercício de pensar num primeiro passo elegante fortaleceria a sensação de auto-responsabilidade - de se tornar guardião do seu próprio pedido através do movimento de sugerir como cuidar dele no grupo. Após esse segundo momento de reflexão as ofertas (primeiros passos) foram colocados num outro papel.

Algumas falas enquanto ocorria a partilha:

“Tivemos momentos difíceis, com muitas saídas abruptas.”

“A gente constrói vínculos, mas as pessoas se vão.”

“Só é sustentável se for coletivo.”

“Não falta acolhimento, carinho e afeto neste grupo.”

“Menos ansiedade para uma comunicação mais focada.”

“Já passei por vários grupos, só estou aqui há seis meses e este é o que mais sinto conexão.”

“Fortalecimento da união propicia o aprofundamento e, por sua vez, o crescimento.”

Ao final, os presentes assinaram o contrato celebrando em pé e em círculo por meio do “elo”, que foi trazido pelo próprio grupo. Por fim, utilizamos a dança circular como ferramenta para ritualizar o processo vivido nessa manhã.

## **6.2 *In-Quieta-Ações***

No dia de nosso segundo encontro conseguimos subir o morro até a sede da Rede Postinho, e fomos recebidas com carinho pela Paula, moradora da comunidade que cuida da recepção. Neste encontro vivemos a prática de *In-Quieta-Ações*, que, desde nossa experiência do módulo da Pós “Pedagogia da Cooperação II,” percebemos como uma etapa muito importante no processo da Pedagogia da Cooperação. Decidimos então dedicar um encontro somente a essa prática.

Começamos o encontro com um “check-in”, momento inicial dos encontros onde checamos como o grupo está no caminho dessa trilha, seja através de perguntas reflexivas como “Como eu estou?” ou revisitando a memória coletiva com perguntas como “O que ficou forte dentro de mim no último encontro.” O check-in é um momento de integração do grupo. E nesse check-in, o grupo trouxe lembranças como a celebração pelo nosso primeiro encontro no local e, especialmente, sobre como o processo foi conduzido com leveza. Nos surpreendeu quando elas contaram que alguns pontos e metodologias trabalhadas já começaram a “respingar” em outros projetos que realizam dentro da organização.

Para o *Com-Tato* desse encontro nós as convidamos a contar em dupla a história de alguma cicatriz. Receosas, pois essa é uma atividade que pode trazer lembranças difíceis, convidamos para a partilha. Elas ressaltaram como foi bom poder se aproximar de uma companheira de trabalho e se permitir emocionar com a história da outra o que elas não podem fazer enquanto atuam como psicólogas. Apesar de tranquilo, nesse diálogo percebemos que o tom de voz das participantes baixou, elas estavam mais quietas e introspectivas (Fig. 11). Foi proposta então uma brincadeira antes do intervalo para que todas chegassem conectadas e animadas para produzir as *In-Quieta-Ações*.

Figura 11: Momento de partilha entre o grupo.



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

Após a preparação para o principal momento do dia, com uma atividade sobre perguntas, propusemos uma reflexão individual sobre suas inquietações em relação ao processo que estávamos vivendo. A questão que iniciou esta etapa foi: “O que quero descobrir com este grupo neste processo?”.

Em diversos momentos, percebemos que elas foram muito subjetivas e elaboraram menos de forma concreta. Isso ficou evidente na maioria das perguntas produzidas:

“De que tudo queremos ser parte?”

“Como transformar o grupo numa verdadeira rede?”

“De que formas podemos nos trabalhar para sermos cada vez mais resilientes e que isso reverbere no nosso trabalho?”

“Como o grupo pode ajudar cada pessoa a desenvolver cada vez mais seu potencial?”

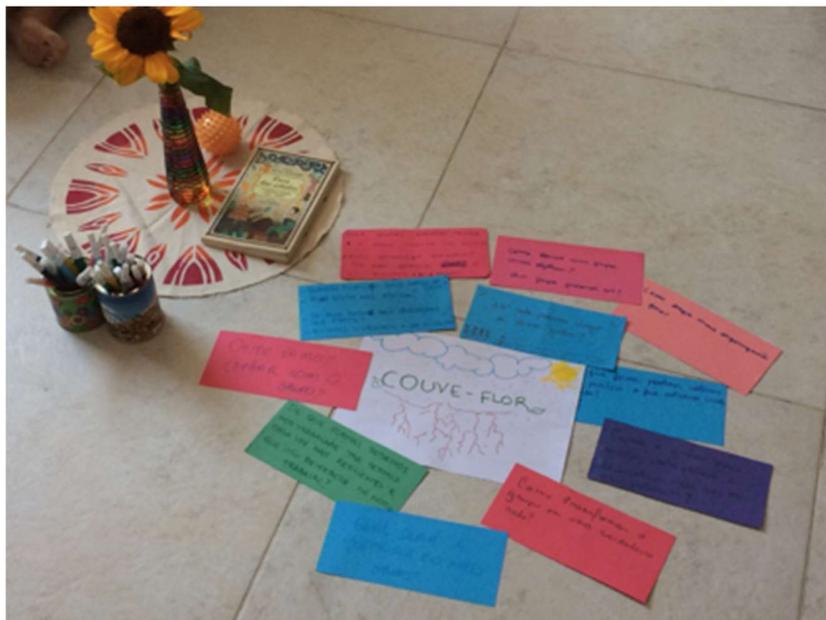
“Estamos disponíveis a nos encontrar?”

“Até onde podemos chegar se formos juntos?”

Em seguida, todas elas juntas foram convidadas a agrupar as perguntas em temas, de acordo com sua similaridade e escolherem (ou elaborarem) duas ou três questões que resumissem a essência do caminho que elas gostariam de seguir. Durante as conversas para definirem isto, uma das participantes compartilhou a metáfora de uma “couve-flor”, associando-a ao pensamento

sistêmico e esclarecendo que a soma das couves-flores pequenas é uma couve-flor maior, assim como num grupo de indivíduos, cada parte compõe o todo, e esse todo é composto pelas partes.

Figura 12: As *Inquieta-Ações* e o Centro do 2º encontro.



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

Nos valem aqui dos pressupostos do Construcionismo Social que se debruça sobre a construção conjunta de significados e sobre a importância que a palavra tem para o sujeito que a emite e para a teia que se constrói nas inter-relações. Desta forma, interpretamos a utilização desta metáfora como uma expressão da busca das psicólogas para se constituírem como grupo (todo) e também de se perceberem como indivíduos (partes).

Ainda assim, consideramos importante distinguir o conceito do Pensamento Sistêmico utilizado pelo grupo e outros que partem de teóricos ligados ao estudo da Teoria, Pensamento e Epistemologia Sistêmica.

Vasconcellos (2002) distingue como pensamento sistêmico, ou como paradigma da ciência contemporânea emergente, o conjunto de três novos pressupostos assumidos pelo cientista, quando ele faz a ultrapassagem de três pressupostos epistemológicos constituintes da ciência tradicional. Ultrapassando os pressupostos da ciência tradicional – as crenças na simplicidade do microscópico, na estabilidade do mundo e na objetividade e realismo do universo - o cientista assume três novos pressupostos: - a crença na complexidade em todos os níveis da

natureza, - a crença na instabilidade do mundo em processo de tornar-se, - a crença na intersubjetividade como condição de construção do conhecimento do mundo.

As participantes agruparam, então, todas as perguntas em “Couve-flor”. Este foi, a partir daí, o tema do grupo.

Após terem escrito o direcionamento dessa investigação, as provocamos para um processo grupal com a reflexão: “O que queremos descobrir juntas?”, iniciando, a partir do tema “couve-flor” as inquietações deste grupo.

Com algumas intervenções nossas para trazer mais objetividade para as questões, as que foram levantadas pelo grupo (Fig. 12) foram as seguintes:

E se a couve-flor der bicho? Como mantê-la saudável? (como lidar com nossos conflitos, desconfianças, ausências?)

Dá para ser auto-gestão e vertical ao mesmo tempo?

Como dar contorno sem cobrar? Como se adaptar sem cobrança?

Como aceitar verdadeiramente o outro?

Figura 13: Jogo Cooperativo "Estátua em trio": momento para fortalecer o *Com-Tato* deste encontro



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

Para fechar o dia, a facilitadora leu a frase de um livro chamado “Casa das Estrelas,” do professor colombiano Javier Naranjo, que fez parte do centro do encontro. O livro contém definições de palavras, objetos e pessoas que crianças de 3 a 10 anos pensaram a partir de um projeto escolar. Escolhemos ler para as psicólogas a definição dada a palavra coração. E a definição foi essa: “Coração é o que palpita.”

Fechamos o dia com uma roda de agradecimento e reconhecimento sobre nosso processo até então. O grupo foi convidado a reconhecer uma ação, postura, ou fala de uma outra pessoa e agradecer essa pessoa diretamente. O grupo gostou bastante desse momento de expressar a gratidão, até brincaram dizendo que poderiam continuar no círculo só agradecendo para sempre. As pessoas apontaram atitudes de acolhimento, confiança, abertura, e alegria das outras na roda, além de agradecer pela oportunidade de estar neste processo se trabalhando (Fig. 14).

Figura 14: registro no final do encontro



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

### **6.3 Alianças e Parcerias e Soluções *Como-Uns***

O terceiro encontro teve como objetivo trabalhar as Alianças e Parcerias e criar Soluções *Como-Uns*, ou seja, o 4º e 5º passo da Pedagogia da Cooperação. Os nossos encontros foram todos, com exceção do último, realizados às segundas-feiras de manhã e isso já se apresentava como um desafio de motivação do grupo. Esse, em especial, foi ainda mais desafiador pois estava uma manhã fria e chuvosa e percebemos o quanto isso impactou no grupo uma vez que apenas metade estava presente e, para além disso, todas relataram desconforto físico. A nossa percepção, comparando com os encontros anteriores foi, falas mais baixas e comportamento mais introspectivo. Dessa forma, o *Com-Tato* se iniciou com um alongamento e uma atividade de troca em duplas que - possivelmente por serem poucas - não funcionou como o esperado, mas foi importante para conectar. Revisitar o *Com-Trato*, para surpresa das pesquisadoras, trouxe questionamentos e pedido de esclarecimento em relação ao “aprofundamento” (“Fortalecimento da união propicia o aprofundamento e, por sua vez, o crescimento”) o que foi rapidamente discutido e pactuado.

Figura 15: As *In-Quieta-Ações* e o Centro do terceiro encontro: a referência da couve-flor.



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

Para as Alianças e Parcerias, aplicamos o “Escravos de Jó” (ver descrição no anexo I), mas estávamos inseguras pois elas eram quatro. Contudo, o jogo se desenvolveu de forma intensa e que provocou uma rica discussão. A participante “F” - a mais nova no grupo - estava com dificuldades de executar os movimentos, o que provocou um visível desconforto, especialmente em uma participante “A” - a que está há mais tempo na Rede Postinho. No primeiro momento da partilha essa questão não apareceu, mas, ao ser provocada por uma terceira participante, a psicóloga que havia ficado incomodada com a dificuldade da colega falou sobre a questão, pontuando que ela precisava ter pedido ajuda ao grupo.

Foi interessante perceber que nesse momento de partilha da atividade “Escravos de Jó” houve uma oportunidade de aprofundamento, de pontuações de questões da comunicação entre elas, pois percebemos a necessidade delas de expor e falar o que sentiam/pensavam. Outro ponto importante que ouvimos nessa partilha falava também sobre como receber bem as críticas e gerar confiança no potencial de cada uma.

Ainda nesse processo de escuta interna e aprofundamento do grupo, “A” que em alguns momentos nos dá sinais de que exerce certa liderança sobre o grupo – talvez ajudada pelo fato de estar há mais tempo na ong – nos traz uma reflexão do objetivo da intervenção, apontando que talvez a prática precise ser revisada, sobre repensar o processo, etc. Ou seja, vimos o quanto uma simples atividade coletiva e cooperativa como Escravos de Jó pode mexer e impulsionar tantas inquietações internas e trazer à tona incômodos que estavam vivos no grupo. Nesse momento, duas pesquisadoras sentiram necessidade de sugerir que investigassem mais sobre a Comunicação Não-Violenta (CNV) e como isso poderia ajudá-las nesse processo de comunicação entre elas.

Para finalizar esse momento e propor um clima mais leve pedimos que todas fechassem os olhos e se imaginem em um momento de felicidade vivido recentemente. E que pensassem também em uma habilidade sua, algo que soubessem fazer muito bem e que muitas pessoas ou ninguém sabe que são boas fazendo aquilo. Pedimos para que cada uma, a seu tempo, escrevesse em um papel para elas mesmas essas qualidades, sem precisar compartilhar com o grupo.

Na volta do intervalo e com o objetivo de começar a prática de Soluções *Como-Uns*, a proposta foi realizar com elas a atividade das “Continhas”, que vivenciamos na Pós Graduação em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas junto ao professor Robson Santarém. Achamos uma ferramenta fundamental para essa etapa quando seria importante que reconhecessem sua própria potência e criássemos esse espaço para elas valorizarem qualidades nas outras pessoas no grupo.

Mais uma vez a fizemos uma breve introdução associando a trilha com “encontrar neste nosso caminho uma caverna com pedras preciosas e um baú com o significado dessas pedras e suas cores”. Ela explicou que a proposta dessa atividade não era só ver a tabela de cores e suas características<sup>20</sup> e somente entregar a pedra (miçangas) para a pessoas que ela julgava ter aquele perfil, mas entregar de coração e dizer o motivo pelo qual escolheu entregar tal pedra, como se pudesse honrar aquelas pessoas com a suas características e como aquilo importava para quem estava entregando.

Portanto a proposta da atividade era: entregar uma continha de cada cor, das 12 cores disponíveis, e devido ao número menor de participantes (5), a mesma pessoa podia receber mais de uma cor. A cada minuto que se passava havia emoção, risadas, caras de surpresa. Uma outra

---

<sup>20</sup> Ver anexo IV com tabela de cores e características

proposta bem interessante que elas trouxeram foi se podiam entregar as continhas para as psicólogas que não estiveram neste encontro como uma forma de lembrar, homenagear e honrar as qualidades de E, B. e H. que não puderam comparecer neste dia. Assim sendo, entregamos copos vazios, elas pegaram as continhas e separaram para entregar em algum momento as ausentes. Foi interessante ver elas lembrarem das ausentes nessa atividade e querer honrá-las também separando as miçangas, dessa forma vimos que o grupo se reconheceu enquanto grupo.

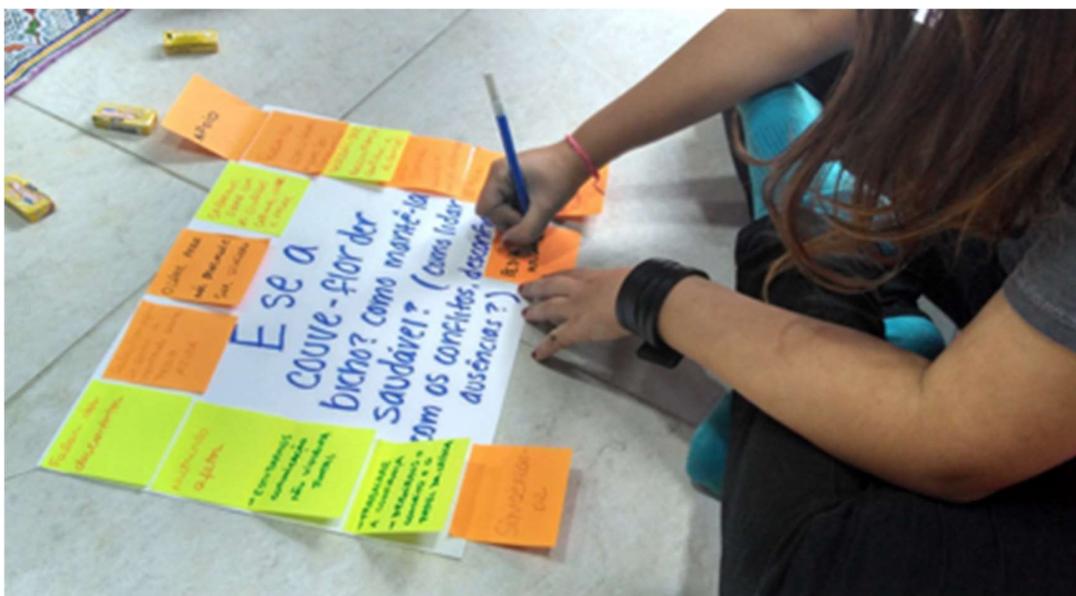
C. falou sobre a dificuldade que teve em entregar e ao mesmo tempo já virar para o outro lado e receber. Disse que precisava de mais tempo para assimilar o que tinha recebido e nos momentos de agradecer.

D. falou da surpresa de receber algumas continhas com as características respectivas, ela também relatou que necessitava entregar a mesma cor de conta para outras pessoas e que foi difícil escolher a quem entregar algo que era característico de várias ali.

Sugerimos que esse reconhecimento das habilidades do outro poderia e deveria acontecer em outro momento e não só ali, que não só na dinâmica das continhas, que isso seja um exercício entre elas sempre que possível.

Na etapa final desse terceiro encontro, colocamos no chão as quatro inquietações produzidas no encontro anterior, cada uma em um cartaz. A proposta era que as meninas rodassem em volta deles e ficassem em frente ao cartaz que gostariam de começar trabalhando. Nesta primeira divisão um cartaz ficou sem ninguém e o da inquietação “da couve-flor” ficou com três pessoas. Pontuamos para elas que, nesse primeiro momento, não havia necessidade de se preocuparem em trocar e pensar juntas nas soluções para as inquietações colocadas, mas sim de cada uma colocar livremente e individualmente ideias, soluções e insights nos posts its (Fig. 16). Em sequência elas começaram a escrever, todas em silêncio. Ao sinalizarmos elas trocaram de cartazes e assim fizeram até o tempo acabar.

Figura 16: Produzindo Soluções Como-Uns



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

No momento final do dia, as psicólogas propuseram fazer a tradição do grupo, “o elo,” com todo o mundo com os polegares conectados no centro do círculo. (Fig.17)

Figura 17: “O Elo”



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

#### 6.4 Soluções *Como-Uns* e Projetos de Cooperação

Na hora em que nos preparávamos para subir a favela, rumo ao nosso quarto encontro, uma sequência de tiros de metralhadora foi ouvida por nós. Nesse momento, fomos alertadas pelos moradores que passavam na rua e pelos porteiros dos prédios para não subir. Havia uma certa tensão entre nós e os passantes da rua. Tivemos alguns minutos ali embaixo, no pé da escadaria para aguardar se os tiros cessariam e ligar para quem estava lá em cima na ONG para saber notícias. Inclusive B., uma psicóloga do nosso grupo havia subido cerca de 30 minutos antes para fazer atendimento com uma moradora e em seguida iria se juntar a nós para participar das atividades. Ali percebemos que nos tornávamos um grupo só, procurando manter a calma, pensando em possibilidades de espaços cobertos e “seguros”.

Dali partimos, andando pelas ruas próximas, com os tiros sendo escutados em várias ruas, reverberando entre os prédios do bairro de Copacabana e Ipanema até encontrar um lugar para ser a nossa “sede” temporária. Fomos para o apartamento da tia de uma das pesquisadoras e ali começamos a aplicação com mais de uma hora de atraso. Contudo, entendemos que toda essa experiência já fazia parte do processo como uma atividade prática do exercício da cooperação, do cuidado com o outro e com o grupo e da nossa questão de pesquisa.

Antes de começar a atividade na sede provisória, rapidamente revisitamos todo o roteiro para cortar algumas atividades e incluir outras não “planejadas” a partir do clima de que havia se formado e da necessidade delas. Pelo momento que tínhamos vivido a atividade de abertura, no *Com-Tato*, fizemos uma rodada de check-in “Quem eu estou?”. Alguns depoimentos chamaram nossa atenção como de B. que foi quem chegou a subir na favela para fazer um atendimento um pouco antes da hora do tiroteio. Ela falou que ficou muito nervosa na hora que tudo aconteceu e de como isso interferiu no seu atendimento à moradora. A partir daí a fala das psicólogas é sobre o clima de estresse que essa situação impõe cotidianamente, e do impacto de ver isso acontecendo tão de perto. Ao mesmo tempo de como elas se sentem impotentes diante de tal situação, e de como isso se naturalizou de tal maneira, essa realidade do convívio com o tiroteio.

Outras meninas, especialmente F. falou também desse lugar de desconforto causado com a situação vivida naquela manhã, ao sentir que saiu da sua zona de “conforto”, do incômodo e do quanto é difícil lidar com isso. Ela fez uma reflexão sobre a sensação de “falsa segurança” porque não mora na favela então “não vive o risco eminente” como os moradores que ela atende. E sobre como ela lida com o medo e com esse perigo perto e longe ao mesmo tempo. Gerou tal

desconforto nelas que F. ainda completa na reflexão se o trabalho delas como psicólogas de atendimento à mulher de alguma maneira contribui ou não para mudar essa realidade da favela mesmo elas estando só nesse “lugar de escuta”: “Como esse trabalho da gente pode mudar a realidade de alguém de lá?” (refletiu F.).

E A., também nos trouxe como se sentiu desconfortável com essas situações pois alguns desses moradores não tem para onde fugir, diferentemente dela. Outra frase importante nessa atividade de check-in foi na fala de A. que colocou a seguinte questão: “Como é pensar no outro e não estar lá na instituição?”, ou seja, como é pensar no morador e ao mesmo tempo ela ser uma pessoa de “fora” da favela e de como isso “bate” para ela e para as outras psicólogas? Como ela mesma citou nesse dia é como se elas vivessem o tempo todo uma “realidade paralela”.

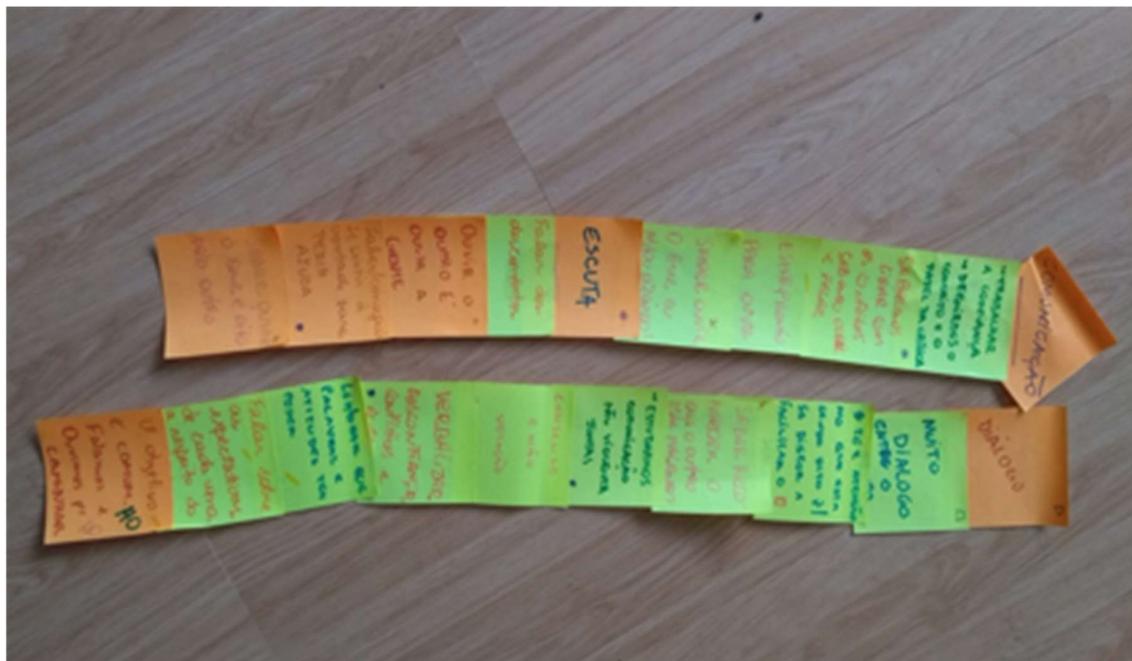
Nesse momento onde todas nós estávamos no clima de impotência e múltiplos sentimentos, G., apresentamos para elas um pouco da prática do Pinakari.<sup>21</sup> Um exercício para elas de escuta profunda e propõe que façamos esse minutinho de silêncio e escuta interna para chegar fisicamente e mentalmente juntas naquele espaço e exercitar a presença plena para partir para uma próxima etapa do encontro que seria a continuação do que começamos no encontro passado.

Então partimos para revisitar os cartazes de Soluções *Como-Uns*, principalmente para as duas meninas que não estavam presentes no terceiro encontro A. e F. puderem dar as suas colaborações nas Inquietações levantadas pelo grupo. Lemos todas as soluções/ideias colocadas no encontro anterior, uma a uma, e propusemos que elas, após a inclusão de novos posts its, reagrupassem todos eles em temas comuns definidos por critérios do grupo. Isso já seria um exercício de síntese das soluções e o início da prática de criação dos projetos de cooperação. E desse agrupamento (Fig. 18), de acordo com os critérios que elas mesmas puderam estabelecer, surgiram quatro temas e a organização dos posts its se deu de forma vertical. Os temas que elas criaram foram: comunicação (“a comunicação é o diálogo, ouvir a mim mesma, ouvir o outro e o grupo”), olhar para si (“olhar para nós, ser sinceras com nós mesmas”), grupoutro (“olhar para fora” e a ponte (“a ponte são duas inquietações na dança do eu e do outro”). É importante ressaltar que todo esse processo foi vivenciado pelo grupo todo.

---

<sup>21</sup> Segundo o “Guia prático Dragon Dreaming” o termo Pinakarri assume o significado de “escuta profunda”. A prática é inspirada nos grupos aborígenes da Austrália e tem como fim silenciar a mente para escutar e conectar melhor consigo e com o outro.

Figura 18: Momento de agrupar as soluções em temas



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

Na sequência, ela pediu para que o grupo crie projetos /ações exequíveis para cada um dos quatro grupos temáticos criados a fim de convocá-las a um processo de co-criação e concretização das soluções. Foi o início da prática dos Projetos de Cooperação.

Para as psicólogas esse momento foi um desafio. Elas se caracterizam por ser um grupo que trabalha no mental e muito subjetivo. Foi custoso para elas pensarem em ações. Até um determinado momento elas não utilizaram recurso nenhum para viabilizar a materialização das ideias. Sugerimos que elas colocassem no papel para que pudessem visualizar as ações que iam surgindo. H. bateu na tecla que um projeto não precisa ser necessariamente algo grande, podem ser pequenas ações e que essa atividade poderia ajudá-las a trabalhar mais a auto responsabilidade, além do exercício do tomar um primeiro passo para realizar um projeto (algo como o pequeno passo elegante). Mas isso seria, sobretudo, a percepção de elas se sentirem mais comprometidas com a realização de um projeto comum. Ao final, tínhamos três cartazes produzidos por pessoas diferentes que continham mais ou menos as mesmas ações.

Figura 19: Momento de Celebração do quarto encontro (dança circular)



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

## 6.5 Projetos de Cooperação e Celebrar o *VenSer*

Conforme um pedido do grupo, nosso quinto e último encontro presencial com as psicólogas da Rede Postinho foi um piquenique no domingo. Juntas escolhemos o Parque Guinle, no bairro de Laranjeiras, na Zona Sul do Rio de Janeiro, por ser um lugar aconchegante e bem-localizado para a maioria das integrantes do grupo. Logo vimos que teríamos que mudar a programação tendo em vista a necessidade do grupo de aproveitar o dia de domingo ensolarado e também festejar o aniversário de duas das integrantes. Nós, pesquisadoras, escolhemos honrar o clima de celebração e festa que o grupo trouxe para o encontro.

Devido ao tempo curto e também sentindo do grupo que seria melhor adaptar às circunstâncias do dia, mudamos a programação. Começamos com um check-in, com cada uma compartilhando como estava chegando. As respostas foram variadas, com algumas pessoas cansadas, outras com uma mistura de emoções diferentes, e algumas pessoas expressando muito felicidade de se encontrar no parque para o fechamento desse ciclo.

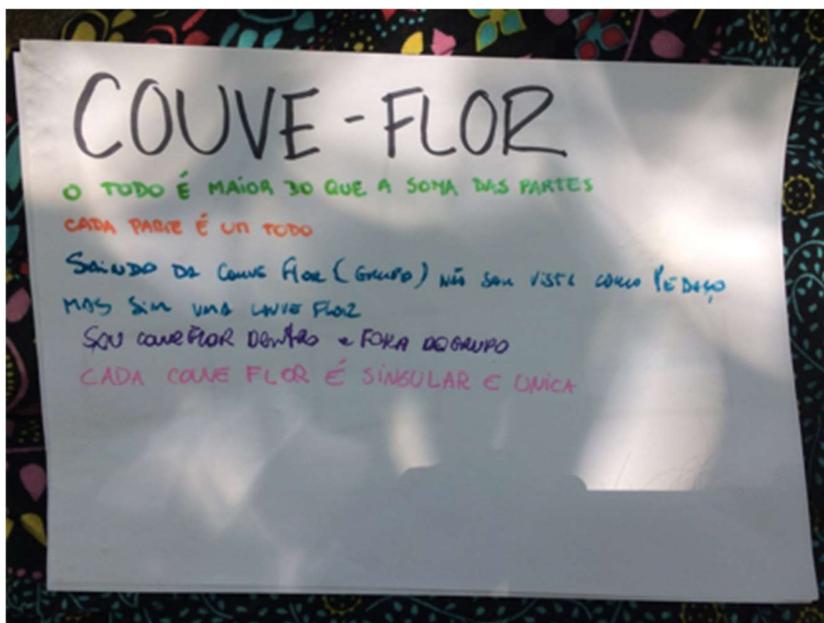
Em seguida relembramos o que foi feito no encontro anterior, e guiou o grupo num processo de retomar o passo de projetos de cooperação para finalizar essa etapa e trazer mais

concretude para os projetos que foram criados. Para esse momento escolhemos usar algumas ferramentas do Dragon Dreaming. A intenção foi de trazer o processo de criação dos projetos para um lugar mais concreto e de usar uma ferramenta que pudesse apoiar no processo de escolher quem ia ficar responsável por qual ação dentro dos projetos.

Para começar, colocamos um papel no centro do círculo com a palavra Couve-Flor. “Podemos pensar que nosso projeto maior é nosso processo em si”, ela falou. “E vocês escolheram dar esse nome para esse processo”

Conversando entre elas e escrevendo no papel, as participantes elaboraram algumas ideias a partir da pergunta: “O que é a couve-flor para vocês?” No que elas escreveram: “O todo é maior que a soma das partes”, “Cada parte é um todo”, “Saindo da couve-flor (grupo) não sou vista como pedaço, mas sim uma couve-flor”, “Sou couve-flor dentro e fora do grupo”, “Cada couve-flor é singular e única” (Fig. 20).

Figura 20: “O que a couve-flor representa para você?”

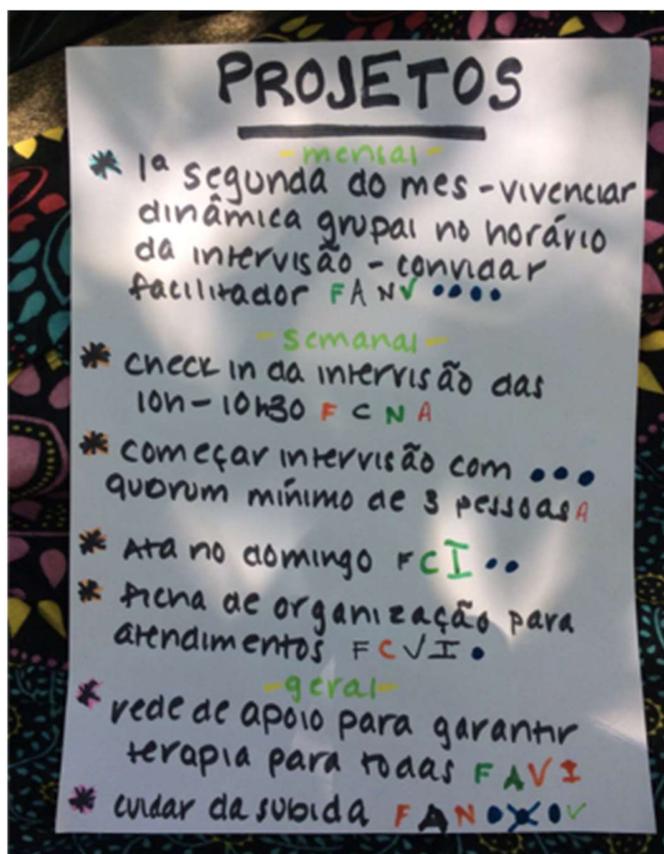


Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

Dando continuidade ao processo, colocamos um segundo papel no círculo com os nomes dos três agrupamentos de post-its que foram feitos no encontro anterior: comunicação/diálogo, olhar para si e o “groupoutro” (Fig. 21). A lista de projetos criados no encontro anterior também

foi colocada no círculo. Lemos os projetos, e apresentamos para o grupo uma matriz para ajudar a definir as responsáveis por cada projeto.

Figura 21: Projetos de Cooperação



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

A matriz do “sei/não sei, quero/não quero” auxilia na distribuição de responsabilidade das ações. A integrante do grupo que quer ficar responsável por um dos projetos pontuados no cartaz, no sentido de garantir que a ação ou as ações necessárias para a realização do mesmo aconteça, deve colocar a inicial do nome na cor verde indicando que se responsabiliza pelo projeto. Se você gostaria de fazer, mas não tem experiências e/ou não sabe como, se coloca no lugar de aprendiz e marca a inicial do nome com a cor vermelha. Se você sabe como fazer, mas não quer a responsabilidade, só quer auxiliar/apoiar se necessário, se coloca em preto como consultor.

O grupo foi conversando um pouco, lendo o que estava escrito, e se responsabilizando pelos diversos projetos no papel. No final, lemos tudo de novo para verificar se cada projeto

tinha alguém responsável. Vimos que tinha um projeto - a ficha de organização para os atendimentos - que ficou sem alguém responsável, mas também lembramos que tinha algumas pessoas ausentes que poderiam se interessar por esse projeto. Não é necessário que cada tarefa tenha um responsável. O clima em geral foi tranquilo, com as integrantes do grupo se organizando e cuidando de forma fluida. Quando alguém estava com uma dúvida, uma outra participante logo se prontificou para ajudar e explicar. Houve bastante escuta e cuidado na dinâmica de eleger os responsáveis para os projetos.

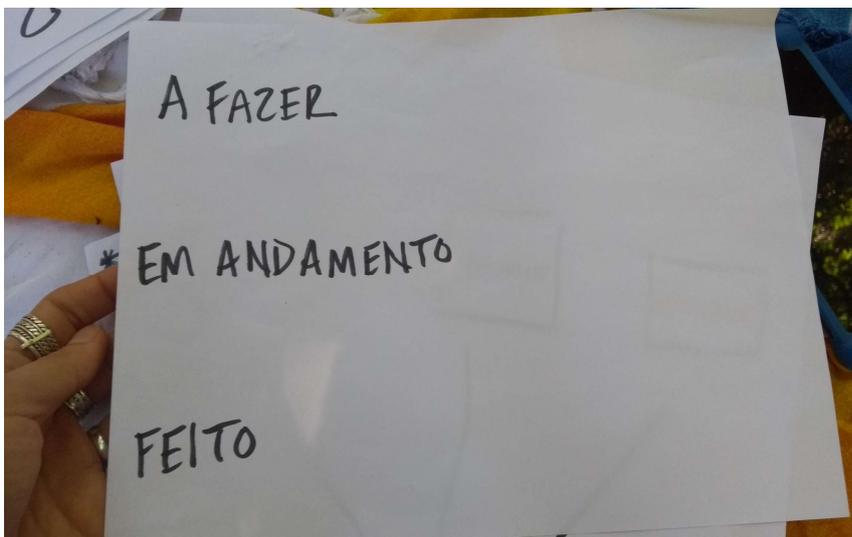
Para afunilar e trazer ainda mais foco, convidamos o grupo para priorizar os projetos que consideram os mais importantes no momento. Cada uma foi convidada a marcar com uma bolinha de qualquer cor dois projetos que gostaria de priorizar, e os mais votados foram: começar a intervisão com quórum de três pessoas e vivenciar uma dinâmica para o grupo com uma pesquisadora convidada na primeira intervisão do mês. O grupo também acrescentou mais um projeto: ter uma guardiã do tempo e alguém para fazer a ata durante as intervisões, e queria já definir quem ia ficar responsável por isso. O grupo conversou sobre a ideia de fazer a ata em “rodízio”, para não ficar pesado para ninguém e uma pessoa se manifestou para ser a primeira a ficar responsável.

Para encerrar a etapa da elaboração dos projetos, sugerimos que elas escrevessem cada ação em um post-it diferente e fizessem um quadro como o da figura 14. A ideia é que elas possam, na medida em que vão realizando os projetos, colocar em qual etapa do quadrinho o mesmo se encontra. As etapas são: feito, a fazer e em andamento (Fig. 22)

Em janeiro de 2018, ou seja, cerca de dois meses depois desse encontro, entramos em contato com as psicólogas para saber se tinham avançado com a realização dos projetos. Apesar da ressalva de que tiveram pouco tempo para começar as mudanças por conta das festas de fim de ano e férias, já iniciaram algumas ações, tais como: fazer o *check-in* na intervisão (“Tem sido maravilhoso!”), começar cada encontro com pelo menos três presentes (o que, segundo uma das voluntárias tem resultado em menos atrasos) e enviar a pauta com antecedência.

Em relação a cuidar da subida e construir uma rede de apoio para as psicólogas, já foi feito algo nesse sentido, porém precisa de aprimoramento. A utilização eficaz das fichas de organização dos atendimentos e o convite a um facilitador externo para a intervisão ainda não tiveram início, mas elas expressaram vontade de colocar, especialmente esse segundo projeto, em prática, inclusive nos convidando para isso.

Figura 22: ferramenta metodológica utilizada pela abordagem Dragon Dreaming



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

Ao finalizar esse passo dos projetos de cooperação, o grupo estava com uma sensação de realização e felicidade por ter conseguido botar coisas concretas no papel. Ao voltar do intervalo, abrimos um momento para falar sobre o centro e, assim, iniciar a sétima Prática da Pedagogia da Cooperação: Celebrar o *VenSer*.

Algumas pessoas do grupo trouxeram objetos para compor o centro e queríamos dar espaço para escutar mais sobre o significado dele. Uma das pesquisadoras abriu a rodada falando da miniatura da ciranda que ela colocou no centro e outra contou um pouquinho sobre o pano que estava sustentando todos os objetos e sobre o maracá<sup>22</sup>. Uma das participantes dividiu na roda que colocou o balão de festa no centro para lembrar da celebração dos aniversários das duas outras participantes e também da felicidade associada à finalização do nosso processo. Uma outra pessoa colocou um centro que ela fez de um galho que estava do lado dela no círculo, uma outra falou sobre a pedra que ela tinha feito numa aula de arte terapia, e uma outra explicou que o

---

<sup>22</sup> O maracá é um tipo de chocalho globular conhecido genericamente em todo o território brasileiro. <http://www.periodicos eletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/279/4377> Acesso em 03 Fev. 2018.

cordão dela de quartzo rosa trabalho o amor de forma geral, e que ela quis deixar no centro de nosso último encontro.

Após essa troca sobre o centro, partimos para um momento de reflexão e partilha sobre nossa trilha desde o primeiro encontro até aquele momento no Parque Guinle. Trouxemos os três cartazes principais que o grupo produziu no primeiro encontro, um cartaz com uma lista de coisas que o grupo decidiu íamos precisar para nossa trilha (cartaz “nossa trilha”), o *Com-Trato*, e a lista de primeiros passos a partir do *Com-Trato*. Dentro desse momento de lembrar da trilha, o primeiro passo foi uma checagem com o grupo: a gente conseguiu cuidar do que estava combinado no *Com-Trato*?

As conclusões delas foram que no geral, o grupo conseguiu cuidar do que estava combinado no *Com-Trato*. As falas apontaram especialmente o fortalecimento da união e profundidade das relações dentro do grupo: “Acho que a gente deu um aprofundamento bem grande”; “Várias coisas a gente já começou - a gente conversava e já colocava em prática na próxima semana... isso foi bastante satisfatória... entrou bastante coisa e a gente colocou direto...”; “A gente tá sendo muito minuciosa no cuidado também. A gente quer ter momentos de trabalho, queremos ter momentos de trabalhar o grupo, queremos ter momentos de diversão... a gente tá se cuidando por todos os lados...”.

Para continuar esse momento de reflexão e avaliação sobre a trilha como um todo, lançamos três perguntas para o grupo:

1. Onde eu estava no início da trilha?
2. Onde eu cheguei?
3. O que aconteceu na trilha para eu chegar onde cheguei?

Demos aproximadamente 10 minutos para elas poderem refletir, escrever ou desenhar. Depois, abrimos espaço para cada uma compartilhar as reflexões pensando nessas três provocações. Uma por uma, as participantes foram falando sobre a experiência delas na trilha:

“Acho que quando eu tava no início, era uma coisa mais nebulosa... mais confuso no início. E acho que onde eu cheguei eu tenho mais um contorno, mais segurança... uma solidificação... uma coisa sólida, firme, mas também uma coisa fluida de sentimentos e de coisas que foram trabalhadas. Uma coisa água e terra, sabe. Eu achei muito importante o processo. (Tinha) umas coisas muito soltas, e agora estou sentindo muito mais junta... e as outras viram... não que não tinham visto antes, mas coisas que eu era a única pessoa que falava sempre, ou que

eu senti que era a única... mas agora eu vi que o grupo todo chegou a trabalhar essas coisas. O que aconteceu na trilha? Acho que foi o desenvolvimento da própria trilha mesmo que foi me levando até esse processo.” - F

“Onde eu estava no início da trilha? Acho que eu tinha uma visão do grupo diferente do que tenho hoje. Via muito o grupo - conseguia ver muitas coisas pontuais... o que cada um fez, ou do que tá errado aqui, aqui não está acertando por causa de isso isso ou isso aqui... hoje eu consigo mais ver o que isso é para o grupo. Por exemplo, a questão de chegar na hora... isso é uma coisa do grupo inteiro. Não é só a questão de uma pessoa falhar. Então, eu acho que é uma coisa de uma visão muito mais geral. Pra mim era muito isso... ‘vou lá, na segunda, falar sobre os casos, na quinta atendo, e é isso.’ Acho que agora consigo perceber mais o individual pra ver o que cada um potencializa dentro do grupo. Tem alguém que tem dificuldade de chegar na hora, por exemplo, mas ela cresce de outra forma em outros lugares. Tem pessoas que chegam na hora e precisam de ajuda ali, sabe. Acho que a gente vai crescendo como um grupo inteiro. Não é mais uma coisa individual. Todo o mundo vai se ajudando para o individual ir crescendo, e o grupo inteiro ir crescendo.” - D

“Botei aqui que no início eu me sentia num ponto de encontro, percebendo quem tava vindo, se todo o mundo ia percorrer os mesmos caminhos, chegar no mesmo lugar... e me percebendo para ver se eu tinha energia e ferramentas para somar nessa trilha. No início tava ainda na inquietação, no processo, vendo como ia ser, se tava todo o mundo no mesmo objetivo. Onde eu cheguei? Pra mim, a gente chegou no primeiro mirante. Que a gente já percorreu uma distância necessária para ter uma perspectiva diferente, mas que a gente tem uma noção do que enquanto esse grupo existir, vai ter caminho. A trilha é muita mais extensa - isso foi um trecho. O que aconteceu para chegar onde eu cheguei. Engraçado porque a pergunta é individual, mas a resposta pra mim é coletiva: só cheguei porque o grupo chegou.” - G

“Eu me coloco muito mais na coisa de aprender do que de ensinar, então é um exercício esse lugar do que eu tenho coisas a oferecer também. Então eu me perco muito nisso, então alcançar o grupo foi um reconhecimento do que eu também sou couve-flor e dá pra chegar aí junto. E acho que consegui alcançar e chegar - chegar aqui. Chegar aqui no platô.” (local escolhido dentro do Parque Guinle para realizarmos nosso último encontro.) - H

“Eu acho que para mim foi muito importante em vários sentidos. Eu acho que o principal que eu vejo, individualmente, é em uma transformação e no aprofundamento em minha relação

com vocês. Eu acho que isso foi o principal. Eu cheguei num momento no Postinho em que já tinha um grupo, um grupo que passou por algumas coisas que não sei o que foram... enfim cheguei nesse momento então eu acho que o espaço e vocês estavam passando por um momento de transformação né. E aí chegaram algumas pessoas novas e a coisa foi meio se reconstruindo, e pra mim tem sido muito importante estar mais perto de vocês... Então eu acho que foi muito rico. E pra mim pessoalmente eu acho que no início eu tava menos conectada com vocês e eu acho que isso foi se transformando ao longo desse processo nas duas vias - nas três vias na verdade: eu com vocês, vocês comigo, e nós. Acho que são três dimensões nesse sentido né. Eu fiquei muito feliz com isso. Estou muito feliz com isso.” – E

Figura 23: Momento de partilha no último encontro.



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

“Eu desenhei minha couve-flor. A couve-flor de cima pra baixo. Cada um com seu espaço, com sua cor, com seu jeito, tomando seu espaço e escolhendo seu espaço. Alguns aparecendo mais e outros menos, mas cada um no seu espaço, com sua profundidade. Alguns

aparecem menos, mas tem outras características mais fortes - alguns pedaços tem mais cor, outros tem menos - são mais claros... foi tudo inconsciente - fui desenhando. A gente caminhou muito né. E eu acho que muita coisa aconteceu. Hoje eu vejo que amenizou... o grande não-dito. As marcas que ficaram pra quem ficou... acho que quem saiu levou suas marcas e saiu da sua forma né, mas pra quem ficou... lógico num grupo pra quem fica é mais dolorida né - bom, mais não sei, mas a gente relembra muitas vezes, a gente tá junto... a gente vive outra coisa e daí vem de novo as memórias, então a gente fica revivendo. Eu acho que isso amenizou muito... hoje eu acho que tá mais amenizado a dor... antes falava e doía né, agora é tá, tudo bem, é mais vamos lá, vamos embora... tem uma dorzinha mas tá suportável, vamos pra frente. Talvez me tenha se desenhada de outra forma, tenha me criada nova... uma coisa da gente ir pra frente né... vamos em frente... pode ser diferente. Acho que é que pode ser diferente. Podemos fazer diferente. A gente tá se permitindo acontecer as coisas. Porque antes a gente nem queria fazer o negócio, agora a gente tá assim: tá bom, vamos. Vamos!" - A

Nessa hora também compartilhamos nossos pensamentos sobre a experiência da trilha. No momento final do dia, pedimos para cada uma preencher um questionário sobre a vivência e experiência da trilha e encerramos nosso encontro final com uma tradição do grupo, "o elo," como já tínhamos feito e descrito neste texto (Fig.17). Batemos palmas, abraçamos e finalizamos nossa caminhada na trilha!

## **7. RESULTADOS**

Além da avaliação dos encontros terem servido como base para a construção das vivências posteriores, as narrativas das integrantes colhidas durante o processo e a nossa observação, usamos de forma sistematizada, a compilação dos dados de outras três fontes, para mensurar os resultados deste trabalho.

Primeiro, olhamos a gravação e transcrição das respostas às perguntas que foram dadas por duas integrantes, no primeiro encontro, por meio de uma breve entrevista individual. As perguntas respondidas foram: "Qual é a sua expectativa para este processo? O que você espera?" Nos surpreendemos ao receber respostas sinceras e reveladoras com poucas horas de contato, o que nos evidenciou que um ambiente seguro estava sendo, desde o início, criado. Foi dito por uma delas: "Eu acho que é uma oportunidade de autoconhecimento para o grupo e enquanto experiência pessoal. (...) Tenho essa expectativa de aprimorar os laços, aproximar esses laços, de

repensar algumas coisas que atualmente a gente faz, mas que, de repente com um olhar mais de fora a gente consiga se perceber numa perspectiva diferente. Acho que vai ser muito rico, uma experiência muito boa.”

Outra participante evidenciou que “... a gente passou por um processo recentemente de briga, de falta de comunicação, de problemas no grupo mesmo. Então, o que eu acho que é importante nesse processo é a gente conseguir descobrir novas formas de se comunicar, da gente conseguir se unir mais ainda como grupo, da gente conseguir ter vivências diferentes que façam a gente construir empatias diferentes, a gente conseguir trazer cada vez mais harmonia para um grupo que se reúne bastante, que já tem um trabalho e que faz um trabalho que às vezes é difícil porque às vezes a gente tem histórias difíceis de ouvir, a gente tem que tá junto com pessoas que sofrem muito. Então, nossa reunião, nossa intervenção, muitas vezes é bem pesada, né? Espero trazer às vezes uma leveza, uma forma da gente se comunicar diferente, pra gente conseguir passar por essas situações que às vezes são pesadas, às vezes tem tiroteio, às vezes a gente não consegue subir e no dia-a-dia, que não é fácil, da gente trazer uma leveza pra gente, pra poder nos unir e passar por essas situações todas(...)”

Essas falas nos trouxeram um ponto inicial onde pudemos notar o interesse do grupo em tratar das questões relacionais, incluindo conflitos e melhora na comunicação, e que elas faziam uma distinção entre os processos individuais e coletivos, integrando-os como possibilidade de vivência e, ao mesmo tempo, reconhecendo que os frutos deste trabalho poderiam refletir em seus processos de desenvolvimento como grupo e como indivíduos.

Como segundo instrumento de observação dos resultados, realizamos a tabulação do Questionário DIVER, que é um conjunto de indicadores elaborados coletivamente em 2010 no Laboratório de Pedagogia da Cooperação (LabPedCoop) realizado por Fábio Brotto e Roberto Martini. Os quatro Indicadores da Cooperatividade contribuem para a observação e acompanhamento dos resultados obtidos pela aplicação das práticas. Esses indicadores são: DIVERdade (experiência vivida com Desapego), DIVERtido (experiência vivida com Integridade), DI-VER-gente: (experiência vivida com Plena Atenção) e “DIVER” (experiência vivida com Abertura para Compartilhar). Os indicadores, questões, escala de contemplação e tabulação foram utilizadas assim como propõe a matriz disponibilizada (Brotto, 2016). O modelo que usamos pode ser encontrado no anexo III.

Em cada um dos quatro indicadores e para cada uma o somatório possível das questões é 15. Como são quatro indicadores, a possibilidade máxima total de cada questionário é de 60 pontos. Considerando os oito questionários respondidos, 480 seria o total máximo possível. De acordo com a tabulação realizada (anexo III), o total foi 468 pontos, evidenciando que o Potencial de Cooperação deste grupo foi de 97,5%.

Em terceiro lugar, aplicamos junto ao Questionário Diver, perguntas que poderiam demonstrar a percepção delas quanto aos objetivos que tinham quando iniciamos a trilha e o quanto avançamos a partir dos encontros (Anexo II, pg 2). Sobre isto, acompanhamos o seguinte:

<b>Objetivos pessoais listados</b>	<b>O quão próximo deste objetivo você chegou (1 a 5, sendo 5 o mais próximo do topo)</b>
Melhor qualidade da intervisão.	3
Ser sustentável sendo coletivo.	(não informado)
Trabalhar união e aprofundamento do grupo.	3
Aprofundar as relações com o grupo e criar um espaço para trocas e projetos.	4
Fortalecer o grupo.	4
Me permitir a experienciar novos modos de me relacionar com o grupo e fortalecer nossos laços pessoais e profissionais.	5
Me aprofundar na relação com o grupo, ter um melhor aproveitamento do nosso tempo juntas, como grupo, ajudando assim no nosso crescimento pessoal e grupal.	3

A partir do convite para escreverem no que e como a trilha colaborou com elas, colhemos as seguintes respostas:

“Me ajudou a dar um norte para o caminho, sendo mais fácil o caminho e tendo mais ferramentas para chegar lá. Me senti mais segura e o grupo mais unido.”

“Me proporcionou desconstruções individuais nos papéis de aprendiz e mestre. Como grupo, vi um grupo mais unido e acolhedor se permitindo desconstruir quando necessário.”

“Em muitas coisas. No grupo como um todo, na comunicação, no aprofundamento, no caminho, no sofrimento da jornada, na construção do processo, no individual, no grupo como um todo.”

“Colaborou no aprofundamento do vínculo e confiança da couve-flor. Abriu espaço para não-ditos. Proporcionou formas de pensar a resolução de conflitos.”

“Principalmente sobre comunicação. Falamos sobre o que nos desagrada.”

“Foi muito importante perceber o quanto estamos implicadas em construir um trabalho com impactos positivos que respinguem para fora do grupo, mas que estamos alinhadas em percorrer esse caminho juntas.”

“A trilha foi fundamental para refletirmos sobre a importância de cada uma na melhor fluidez do grupo. Também ajudou a nos redescobrirmos e co-criarmos um "projeto de grupo" mais condizente com o sentir de cada integrante.”

Celebramos que a relação que construímos com as psicólogas proporcionou confiança e segurança para se expressarem e relatarem suas percepções sobre o processo que vivenciaram. A relação com o grupo e a qualidade das ações que realizam em conjunto (Intervisão, atendimentos, por exemplo) foram o foco de interesse das psicólogas, como percebemos nos relatos colhidos nas rodas e, principalmente nos instrumentos de avaliação. Elas percebem avanços no sentido de se fortalecerem mais como grupo, encontrar alternativas para trabalharem os conflitos internos e soluções que abranjam a todas. Notamos ainda que preveem uma caminhada de construção coletiva para alcançarem plenamente os objetivos que elas almejam.

Quanto às sugestões do que poderia ter sido diferente, o lamento mais recorrente – expressado por três psicólogas – foi a pequena participação de algumas integrantes. Para elas, faria grande diferença se todo o grupo estivesse presente em todos os encontros. Além disso, alguns dos lamentos giraram em torno das faltas (de si e das outras), de poder ter tido mais encontros, de se permitir ser acolhida em alguns momentos, do atraso do grupo para iniciar alguns dias de aplicação. Duas delas apontaram que não percebiam nada que poderia ter sido diferente.

Finalmente, nos comentários finais, destacamos o clima e vontade de celebração, expressados da seguinte forma:

“Foi um desafio lindo”.

“Foi tudo maravilhoso! Adoramos e queremos reproduzir isso em outros grupos para que todo Postinho esteja na mesma sintonia”.

“Foi lindo! Sou grata pelos momentos que passamos juntas. Aprendi muito com vocês. A vida compartilhada é mais feliz”.

“Foi um processo maravilhoso! Obrigada meninas! Espero que vocês tenham conseguido chegar no objetivo de vocês também”.

“Sou muito grata aos encontros potencializadores. Cresci como parte e como todo em um ambiente seguro e acolhedor. Parabéns pra todas nós”.

“Eu adorei muito mesmo a metodologia e a implicação de todas envolvidas :) Todas as dinâmicas foram muito bem elaboradas e executadas. O acolhimento foi essencial para criar um ambiente mais favorável às trocas e ao surgimento de emoções nem sempre fáceis de organizar. Que bom que vocês estavam lá para nos dar esse suporte que tanto precisávamos”.

“Sou muito grata por termos sido escolhidas por vocês para a realização desse trabalho”.

Figura 24: O grupo no final do último encontro.



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, drive compartilhado.

## **8. CONCLUSÃO**

Realizar a aplicação da Pedagogia da Cooperação junto a um grupo vinculado a alguma luta social era nosso objetivo inicial pois gostaríamos de investigar o quanto essa pedagogia poderia servir de ferramenta de fortalecimento de uma atuação coletiva em prol dos direitos humanos e movimentos sociais. Contudo, foi necessário flexibilizar e construir um novo entendimento em relação às nossas expectativas iniciais, o que nos levou ao trabalho junto ao grupo de psicólogas voluntárias da Rede Postinho.

Atuando junto às psicólogas nosso objetivo foi identificar como a Pedagogia da Cooperação poderia contribuir para o desenvolvimento individual e coletivo desse grupo, considerando variáveis como o fato de serem profissionais voluntárias e atuarem em uma favela no Rio de Janeiro.

Em relação à variável de contexto, a atuação em uma favela no Rio de Janeiro apresenta desafios ligados à segurança pública que foram marcantes durante nosso processo. Além de termos decidido mudar o local de encontro duas vezes por conta de tiroteios, isso é um fator que influencia o trabalho das psicólogas e das suas pacientes diariamente que estão expostas a tais condições. Neste sentido, o cuidar da subida à favela apareceu como um projeto a ser realizado, o que aponta para essa preocupação.

O fato do grupo ser de psicólogas nos demonstrou, ao longo de todo o processo, a necessidade que tinham de serem cuidadas (no âmbito pessoal e coletivo), de criarem momentos onde fosse possível trabalhar de forma coletiva questões subjetivas e ligadas ao autoconhecimento. Ao analisar a partir da perspectiva de atuação junto às voluntárias, percebemos a importância de espaços de reflexão em grupo e cuidado do com essas colaboradoras que cuidam de outras mulheres.

Neste sentido e a partir da colheita realizada nas questões respondidas pelas psicólogas entendemos que a Pedagogia da Cooperação foi eficiente na contribuição de se criar um contexto colaborativo, seguro e atento para que as questões importantes para o grupo surgissem. Neste caso, os tópicos que emergiram foram: a relação entre as psicólogas, a responsabilização pelo

auto-acolhimento e uma ênfase nas demandas pessoais, que trouxeram partilhas que nos estimulavam a acreditar que as vivências estavam, de fato, impactando de forma individual e coletiva.

## **9. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo dos 18 meses que vivi intensamente a Pós e durante a aplicação das 20 horas no grupo das psicólogas o que me chamou bastante atenção foi o fato de que essa Pedagogia nos faz mudar internamente. Tanto que no início da Pós, nos dois primeiros módulos que tivemos, já foi possível sentir mudanças internas reais em meu comportamento. Me lembro que à época do meu “enamoramamento” com o curso, nas dinâmicas e encontros vivenciais, cheguei a duvidar e estranhar quando falado por vários ex-alunos, que a pós mexeria, de certa maneira, internamente conosco.

E de fato, percebi que se não há (a priori) uma mudança interna, não iremos conseguir trabalhar com o outro. Fazer algo que proporciona uma melhoria na forma como o outro se relaciona com o coletivo só é possível quando somos tocados de alguma forma, quando aquilo “mexe” com a gente.

Dessa forma foi com o grupo da Rede Postinho, elas relataram para gente que desde o primeiro dia de aplicação mudanças significativas aconteceram. Práticas que elas passaram a fazer ou voltar a fazer, questões internas que as incomodavam a que foi possível colocar para fora de certa forma, na prática das Inquietações. Isso gerou em mim uma constatação: acredito muito que a prática da Pedagogia da Cooperação “mexe dentro da gente”, ela nos faz perceber e, assim honrar, nossas carências, vaidades, dificuldades, e acima de tudo, lidar bem com o que é a “minha verdade” e a “verdade do outro”. Ratificando o que disse logo na primeira síntese que fiz, nós só nos reconhecemos quando reconhecemos o outro, nessa relação simbiótica do Eu-Tu, nessa eterna Couve-Flor.

Isso significa nada mais que todos nós temos responsabilidade pelo mundo, pelas formas como nos relacionamos, somos co-autores, sujeitos dessa civilização e dessa forma precisamos todos coexistir com as diferenças, com os seres vivos das mais variadas formas, desejos, opções, etc e

que a cooperação é importante em todo momento desde a nossa existência como ser vivo, todas as partes do nosso corpo trabalham em cooperação, estão interligadas, os órgãos dependem um do outro para funcionarem perfeitamente, ou seja, desde o aspecto micro celular a cooperação existe.

E, dessa forma, entendo que trilhando esse caminho de experimentação de processos cooperativos dentro de um contexto social já fragilizado poderemos impulsionar movimentos individuais transformadores e ajudar no fortalecimento da rede de apoio na qual esse grupo de voluntárias está inserido, assim como em tantos outros grupos que ao longo da nossa jornada passaremos. Afinal nós precisamos muito da convivência, precisamos de mais círculos, mais diálogos e comunicação. Isso é sabedoria coletiva. Isso é processo circular, isso é cura, isso é comunidade, isso é rede.

A frase que ouvi pela primeira vez do Edgard Gouveia resume muito isso, pois chama a atenção para essa noção de co-responsabilização por fazermos parte desse todo apesar de também sermos indivíduos: “Todo círculo tem toda sede para toda água e toda água para toda sede”.

E para finalizar gostaria de dizer que me sinto honrada de poder participar da Pós e aprender junto com meu grupo de prática, junto com as psicólogas da Rede Postinho que para promover a mudança necessária, devemos criar espaços para uma nova maneira de olhar uns aos outros e a si mesmo, para então, alterar a maneira de conviver por meio do aprimoramento das habilidades de fazer *Com-Tato* e de *Co-Operar* consigo mesmo; com o outro; com o ambiente; e com toda a *Comum-Unidade* humana.

Muito agradecida!

## REFERÊNCIAS

- ACCORSSI, Aline; BOUSFIELD, Andréa Barbará S.; GONÇALVES, Hebe Signorini; AGUIAR, Katia; GUZZO, Raquel S. L. (Org.) **Distintas faces da questão social**. Florianópolis : ABRAPSO: Edições do Bosque/CFH/UFSC, 2015. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/134067>> Acesso em 09 Jan 2018.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. BORGES, Maristela Correa. **A pesquisa participante: um momento da educação popular**. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007.
- BROTTO, Fábio Otuzi. **A Pedagogia da Cooperação: para um mundo onde todos podem VenSer**. Pós-graduação em Pedagogia da Cooperação & Metodologias Colaborativas – UNIP, São Paulo, v. 4.4, 2016. No prelo.
- \_\_\_\_\_. **Jogos Cooperativos: O Jogo e o Esporte como um exercício de convivência**. São Paulo: Editora Projeto Cooperação, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Jogos Cooperativos: Para jogar uns com os outro e VenSer...juntos!** Ed.Projeto Cooperação. Disponível em < <http://www.projetooperacao.com.br/publicacoes/jogos-cooperativos/> > acesso em: 08 Abril.2018.
- GERGEN, Kenneth J. **The social constructionist movement in modern psychology**. American Psychologist, 40, 1985.
- Guia Prático Dragon Dreaming: uma introdução sobre como tornar seus sonhos em realidade através do amor em ação. Disponível em <<https://infinitumarteacoes.files.wordpress.com/2016/04/guia-prc3a1tico-dragon-dreaming-v02.pdf>> Acesso em: 25 jan. 2018
- JAYME, Denise. **Danças Circulares e Cooperação**. Material do módulo de Danças Circulares da Pós Graduação em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas, turma 3, Rio de Janeiro. Projeto Cooperação, RJ: 2017.
- JUNIOR, Nadir; PRADO, Marco. **Mística e a construção da identidade política entre os participantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Brasil: um enfoque psicossociológico**. Revista Eletrônica de Psicologia Política, Argentina, Ano 1, n.4, Dezembro, 2003.
- MATURANA, H.R.; VARELA, F.J. **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo, Pala Athenas, 2001.
- MC NAMEE, Sheila. Pesquisa como Construção Social: Investigação Transformativa. In: Grandesso, Marilene (Org.) **Práticas Colaborativas e Dialógicas em Distintos Contextos e Populações: um diálogo entre teoria e práticas**. Curitiba: CRV, 2017.
- MORIN, Edgard. A noção de sujeito. In: Fried Schnitman, D. (org.). **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1996.

NARANJO, Javier. **Casa das Estrelas: o Universo Contado Pelas Crianças**. São Paulo: Editora Foz, 2013.

ORLICK, Terry. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

OSTETTO, Luciana. **Para encantar é preciso encantar-se: Danças circulares na formação de professores**. Cad. Cedes. vol. 30, n. 80, p. 40-55, jan.-abr. Campinas, 2010.

RASERA, Emerson F.; JAPUR, Marisa. **Contribuições do Pensamento Construcionista para o Estudo da Prática Grupal**. In: Psicologia: Reflexão e Crítica. 2001, 14(1), pp 201-209.

ROSENBERG, Marshall. **Comunicação Não-Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Editora Ágora, 2003.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves. **Pensamento Sistêmico: O Novo Paradigma da Ciência**. 9a edição. Campinas, SP: Papyrus, 2002

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. São Paulo: Vozes, 1986.

## ANEXOS

### ANEXO I – Modelo de Roteiro utilizado pelas facilitadoras

ALIANÇAS E PARCERIAS E SOLUÇÕES COMO-UNS

23/10

9:00 - 13:00

Prática	Dinâmica da Prática	Objetivo	Materiais Necessários
<p style="text-align: center;"><b>COM - TATO</b> Check-in (9:30 - 9:50) Focalizadora: Lu Apoio: Hannah Photo/Video: Mari Escrito: Gabi</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dar boas - vindas ao grupo, convidar o grupo a se dividir em duplas</li> <li>(- Sugestão: O que é xeretar? investigar, participar, bisbilhotar)</li> <li>- Convidar elas a trocar sobre essa provocação: “O que você está xeretando atualmente?”</li> <li>- 3 minutos para cada uma falar, depois volta para o grupo maior</li> <li>- Cada uma na dupla compartilha o que a parceira da dupla está xeretando</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Momento de chegada no espaço</li> <li>- Momento de ter check-in com uma pessoa de forma mais profunda e com o grupo</li> <li>- Estimular a pensar sobre o que está xeretando atualmente</li> </ul>	Nenhum
<p style="text-align: center;"><b>COM - TRATO</b> Revisitar o Com-Trato (9:50 - 10:00) Focalizadora: Lu Apoio: Hannah Photo/Video: Mari Escrito: Gabi</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar o com-trato que fizemos no primeiro encontro para o grupo</li> <li>- Checar que todas ainda estão sentindo contempladas</li> <li>- Ver se alguém quer acrescentar alguma coisa ou até “descombinar” alguma coisa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Checar que todo o mundo ainda se sente contemplada pelas coisas no com-trato</li> <li>- Reforçar a prática de sempre rever os combinados</li> </ul>	- Com-Trato
<p style="text-align: center;"><b>ALIANÇAS e PARCERIAS</b> Escravos de Jó (10:00 - 10:50) Focalizadora: Mari Apoio: Hannah Photo/Video: Lu Escrito: Gabi</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escravos de Jó:</li> <li>- Regras:</li> <li>1a vez: cantando normal</li> <li>2a vez: la la la</li> <li>3a vez: hum hum hum</li> <li>4a vez: silêncio</li> <li>5a vez: rápido</li> <li>- Ninguém pode errar</li> <li>- Elas vão combinar o tempo em que acham que poderiam fazer</li> <li>- Pode ter 2 pedidos se quiser</li> <li>- Pode ter 2 minutos de tempo se quiser (Pinakarri)</li> <li>- Podem conversar antes, daí quando tá valendo avisa</li> <li>- Partilha:</li> <li>Quem eu estou?</li> <li>O que precisei fazer ou não fazer para o grupo conseguir?</li> <li>O que aprendi?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalhar umas coisas que foram levantadas no passo das inquietações, como adaptabilidade sem cobrança, liderança, auto-gestão, como lidar com conflitos</li> <li>- Fortalecer o espírito de equipe e parceria no grupo</li> </ul>	- Caixinhas de fósforo

Intervalo (10:50 - 11:00)			
<p><b>SOLUÇÕES COMO-UNS</b>  “Continhas”  (11:00 - 11:40)  Focalizadora: Mari  Apoio: Hannah  Photo/Video: Gabi/Lu  Escrito: Carol/Lu</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cada uma escreve num papel o que acredita que faz bem e fica com esse papel para si</li> <li>- Passamos para a fase de reconhecer qualidades nas outras</li> <li>- Mostra imagem/cor/etc e fala o que representa</li> <li>- Fica livre para quem quiser dar uma continha dessa cor para alguém e compartilhar porque</li> <li>- Varias rodadas com imagens/cores diferentes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criar uma oportunidade para cada uma reconhecer sua própria potência</li> <li>- Já trazer um olhar para o que o grupo tem de talentos e qualidades individuais</li> <li>- Criar espaço para elas valorizarem qualidades nas outras pessoas no grupo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Powerpoint ou Imagens/Cores</li> <li>- Continhas</li> </ul>
<p><b>SOLUÇÕES COMO-UNS</b>  Processo de Reunir Soluções Como-Uns  (11:40 - 12:50)  Focalizadora: Mari  Apoio: Hannah  Photo/Video: Gabi/Lu  Escrito: Carol/Lu</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 4 perguntas na sala, cada uma num papel grande</li> <li>- toca uma música para elas irem andando pelas perguntas, lembrando delas, checando se ainda são essas que estão quentes para elas</li> <li>- Livrementemente, podem começar a dar respostas, escrever ideias, insights, sugestões, etc. que são soluções possíveis para as inquietações - lembrando do que tem para oferecer e o que vê na potência do grupo</li> <li>- Escrevem essas respostas nos post-its</li> <li>- Se dividir em duplas, cuidando para ninguém ficar sozinha</li> <li>- Cada dupla escolhe 2 soluções e escreve num papel maior</li> <li>- Conversa / partilha</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reunir soluções possíveis que para as inquietações expressadas no passo de inquietações</li> <li>- Experimentar co-criando soluções</li> <li>- Experimentar o processo de sentir e jogar respostas sem se preocupar com o que vamos fazer exatamente com essas respostas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caixa de Som</li> <li>- Música</li> <li>- Post-its</li> <li>- Caneta</li> <li>- Pilot</li> <li>- Papel</li> </ul>
<p><b>CELEBRAR</b>  (12:50 - 13:00)  Focalizadora: Gabi  Apoio: Hannah  Photo/Video: Gabi/Lu  Escrito: Carol/Lu</p>	<p>Dança Circular - “Michael Jackson - Will You Be There”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Celebrar o trabalho do dia!</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caixa de Som</li> <li>- Música</li> </ul>

ANEXO II - Questionário “Nossa Trilha” (avaliação final entregue a cada participante)

QUESTIONÁRIO – NOSSA TRILHA

Nome:

Gostaríamos muito de saber como foi essa trilha!

Marque a resposta que expressa mais aproximadamente como foi viver essa experiência para você.

Não Ocorreu	Ocorreu às vezes	Ocorreu muitas vezes
		



1.	Compartilhamos experiências pessoais sem receio de nos expor.	  
2.	Empatia, compaixão, acolhimento e cumplicidade foram atitudes demonstradas pela maior parte de nós.	  
3.	Emoções como tristeza, angústia, medo, raiva e até ódio puderam se manifestar e foram verdadeiramente aceitas.	  
4.	O riso e a espontaneidade estiveram presentes, mesmo em momentos desafiadores.	  
5.	Houve uma sensação de leveza e descontração no ambiente.	  
6.	Pessoas de diferentes características realizaram atividades conjuntas e sem discriminação.	  
7.	Uma atmosfera de contentamento e tranquilidade marcaram nossos encontros.	  
8.	Surgiram novas aprendizagens e insights a partir de visões, atitudes e comportamentos divergentes.	  
9.	A não participação de uma (ou mais) participantes em eventuais atividades e/ou momentos foi respeitada e honrada pelo grupo.	  
10.	O grupo e a focalização colaboraram no desenvolvimento das atividades, sugerindo ideias para sua melhoria.	  
11.	Em diferentes momentos existiram partilhas genuínas, tocantes e profundas que permitiram elevar o nível de cumplicidade no grupo.	  
12.	O grupo e cada participante assumiu responsabilidade pelo sucesso do encontro e pela implementação das aprendizagens no cotidiano.	  

FONTE: Questionário “Diver” - Indicadores de Cooperatividade.

Conte pra gente qual era o seu objetivo quando começamos essa trilha.



Indique (marcando os pezinhos) o quão próximo deste(s) objetivo(s) você sente que chegou ao final da trilha.

Se essa trilha colaborou com algo para você e/ou para o grupo, por favor, nos diga no que e como colaborou.

Alguma coisa poderia ter sido diferente? Você poderia nos contar o que?

Seus comentários são bem-vindos e desejáveis.

## ANEXO III – Compilação do Questionário “Nossa Trilha” - Os resultados



#### **ANEXO IV - Tabela de cores: Atividade das Miçangas**

Marrom: representa o “pai,” que está presente na pessoa, que estabelece as regras, leis e normas. É a autoridade que organiza e delimita os espaços.

Verde: representa a fé e o equilíbrio das dimensões física, mental e espiritual e que se manifesta no entusiasmo, no bem querer, no apoio e incentivo que transmite ao próximo.

Amarelo: representa o questionamento mais profundo. Presente em toda pessoa que tem o interesse por aprofundar o seu conhecimento e por tudo aquilo que transcende e eleva.

Violeta: representa a transformação. Presente em toda pessoa que conhece a dor e as dificuldades, mas sabe transformá-las em algo positivo, dando-lhes um significado.

Prata: representa a estratégia e a ação. Está presente na pessoa que tem a clareza do pensamento, a visão do futuro, a sagacidade, alta capacidade de percepção, e desenvolve bem a intuição e a espiritualidade.

Azul Celeste: representa a dimensão feminina que está presente em todo ser humano e que se manifesta na ternura, na demonstração do afeto, no cuidado para e com o outro. Presente em quem se preocupa e cuida do outro, que é sensível e emotivo.

Rosa: representa a alegria, o prazer, a espontaneidade. Presente na pessoa que utiliza muito bem o humor, a brincadeira e convive bem com a criança que mora dentro de si.

Azul: representa a sabedoria lógica, racional, o pensamento analítico. Presente naquele que precisa saber o porquê de tudo, o detalhista, também naquele que se comunica e lida bem com as informações.

Branco: representa a dimensão espiritual, e a fé em Deus. Está em quem se doa, faz tudo pelos outros sem esperar nada em troca. A pessoa que busca a harmonia, a conciliação e promove a paz.

Vermelho: representa a energia, a força e a coragem. Está na pessoa que é determinada, que decide, é assertiva, sabe o que quer e está sempre pronto para a batalha.

Dourado: representa o autocontrole e equilíbrio emocional. Presente naquele que gosta de ser o que é, que brilha, que tem luz própria, que convence pelo exemplo, pelas atitudes.

Preto: representa o lado material da vida. Está naquele que cumpre acordos, que é fiel, firme e digno. É “pé no chão,” busca o concreto pensando no benefício de todos.